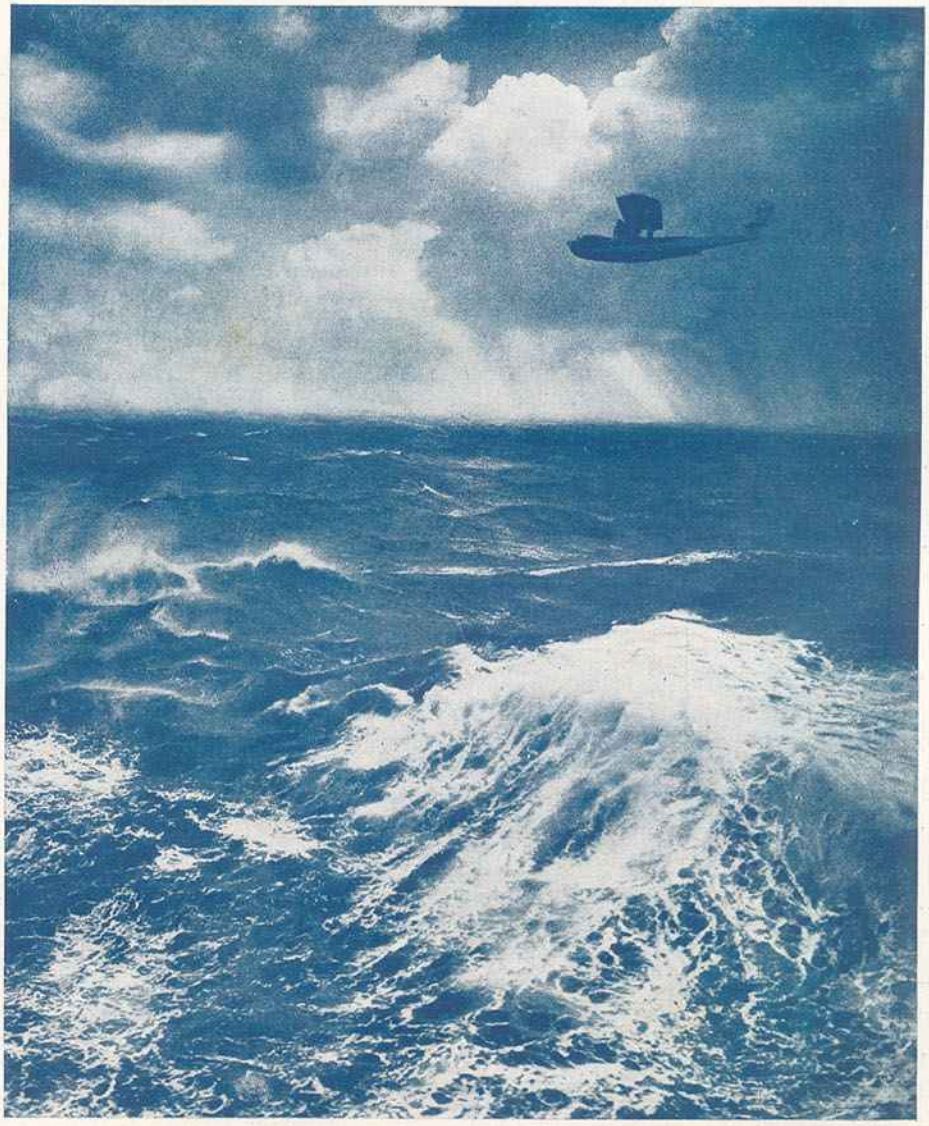
ILUSTRAÇÃO

N.º 334 — 14.º ano



À PROCURA DO SUBMARINO INIMIGO

16-NOVEMBRO-1939

PREÇO-5 escudos

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs. com 273 grav. ..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. ..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras ..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. ..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág., com 170 grav. ..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. ..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. ..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág., com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav. ..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas ..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. ..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras... ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. ..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas ..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. ..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras ..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras ..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs, com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. ..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73-75 - LISBOA

O MAIOR SORTIMENTO DE

LIVROS DE MEDICINA

A maior variedade tanto nacionais como estrangeiros

Livraria Bertrand — (A mais antiga do País)
Rua Garrett, 73 — LISBOA
Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do País

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 51, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UMA GRANDE FIGURA NACIONAL

ACABA DE APARECER O LIVRO

O MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

pelo Prof. Dr. COSTA LOBO

A mais completa biografia do valoroso militar, do insigne estadista, diplomata e cientista. Verdadeira síntese de uma vida de virtudes

1 vol de 306 págs., com 6 grav., broc. . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança, **Esc. 13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
Á venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

PARA AS FACULDADES

O mais completo e variado sortido de livros de **Medicina**, de **Direito**, de **Engenharia**, etc., tanto nacionais como estrangeiros

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **Prof. Dr. LUÍS DE PINA**

A primeira e mais completa obra no género, em Portugal

Indispensável aos estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor

Esc. 30$00

Fazem-se remessas à cobrança

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero. (Romance.) — 338 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cistér, (Romance.) 2 vols., com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) 8 vols., 2.848 páginas, brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado . 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado ..... 10$00
Cartas (Inéditas) 2 vols., com 586 páginas, brochado..... 20$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 331 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado ..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PARA OS LICEUS

Obras da Prof.ª DR.ª SEOMARA DA COSTA PRIMO aprovadas pelo Ministério de Educação Nacional.

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos, com 218 figuras e 3 est. a côres ... **Esc. 18$00**
Compêndio de Biologia, para o 3.º ciclo dos liceus, com 112 figuras, 8 fotogravuras e 2 est. a côres ..... **Esc. 18$00**
Compêndio de Zoologia, para o IV, V e VI anos, 336 págs. com 218 figuras, 8 fotogravuras e 3 est. a côres..... **Esc. 20$00**

O melhor livro de puericultura, de harmonia com o programa oficial é

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

PELO **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras

1 vol de 368 págs., broc..... **Esc. 15$00**

Pedidos a **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa — que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de todos os LIVROS DE ESTUDOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc.

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina

Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo, Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-NOVEMBRO-1939
N.º 334 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

É A GUERRA...

SE na frente ocidental a luta está mais ou menos paralizada, no mar, e em especial no ar, vai acesa.

Sucedem-se os *raids* dos aparelhos britânicos a terras germânicas e dos aviões alemães à Inglaterra.

Há precisamente um mês a base naval inglêsa de Firth of Forth foi audaz e violentamente atacada por várias esquadrilhas da aviação do III Reich.

Cabalmente se demonstra a bela organização da defesa anti-aérea: nenhum objectivo foi atingido e quatro aparelhos foram abatidos.

Os cadáveres de alguns pilotos foram recolhidos.

A Inglaterra, sempre generosa, e sabendo dar valor a quem o possue, embora seja um inimigo, não deixou de prestar tôdas as homenagens aos desditosos aviadores, vítimas do seu Dever e mortos ao serviço da sua Pátria.

Na gravura, vê-se um aspecto do funeral.

Os féretros seguem cobertos com a bandeira da Cruz Gamada; sessenta oficiais e praças da *Royal Air Force* servem-lhes de escolta de honra, as autoridades civis não deixaram também de acompanhar ao cemitério de Portobello (Edimburgo) os caixões contendo os restos mortais dos aviadores.

Vários ramos de flores foram depostos junto aos caixões; uma multidão compacta e silenciosa descobre-se respeitosamente à passagem dos funerais.

E' de facto tocante observar estas pequenas atenções e amostras de humanidade no momento em que o ódio e a paixão, desencadeadas, pareciam ser as ideias dominadoras que deveriam fazer olvidar tôdas as outras.

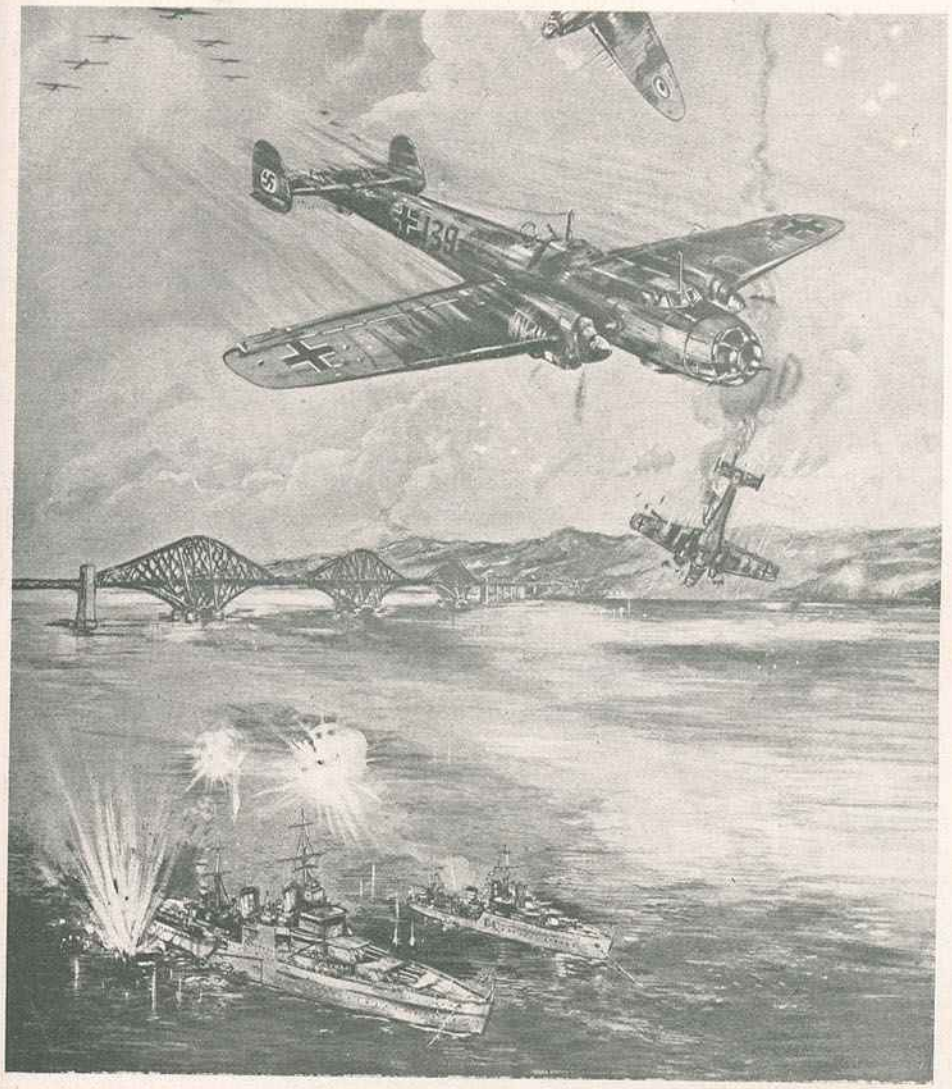
Simpático gesto, na verdade.

Assim, em terra inglêsa, os aviadores alemães foram rodeados de tanto carinho como se na sua Pátria tivessem tido sepultura.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

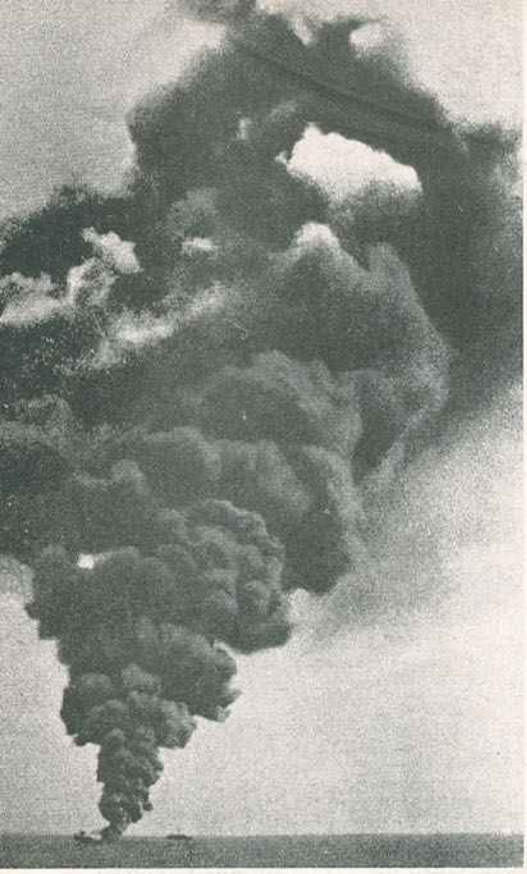
Ao lado: A homenagem de Coimbra a António Nobre. A cerimónia do descerramento do busto erigido, no Penedo da Saüdade, em memória do inolvidável poeta do «Só». *Ao centro, e da esquerda para a direita:* S. E. o Senhor Cardial Patriarca com os fundadores da Juventude Católica da capital, que se reüniram para comemorarem o 30.º aniversário daquele organismo e o Senhor Ministro da Educação Nacional inaugurando uma exposição de crisântemos na Câmara Municipal de Lisboa. *Ao fundo:* Um aspecto da sessão solene realizada nos Paços do Concelho de Lisboa, sob a presidência do Chefe do Estado e comemorativa do 792.º aniversário da tomada da Capital aos mouros.

A GUERRA

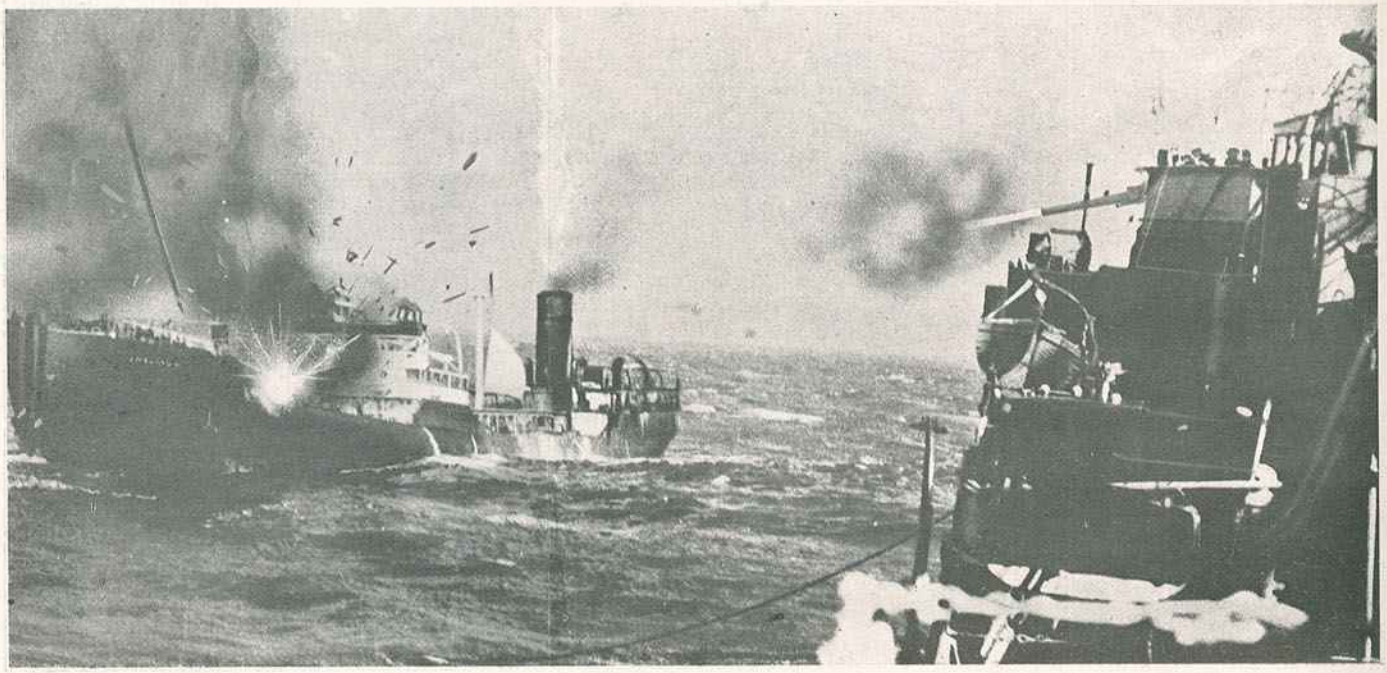


Um aspecto do ataque alemão a Firth of Forth, em 16 de Outubro, segundo o desenho do ilustre artista inglês Frederic Nevin. — *À direita:* Sapadores franceses avançando para a fortificação das posições tomadas na frente ocidental. — *Em baixo:* Composição que dá uma ideia da encarniçada batalha de 24 de Outubro, na frente ocidental

VISÕES DA GUERRA



A espessa coluna de fumo negro produzida por 15 mil toneladas de benzina incendiada a bordo do navio tanque inglês «Regent Tiger» por um submarino alemão. — *Á direita:* Soldados avançando, de rastos, sob o intenso fogo inimigo. — *Em baixo:* Um episódio da luta em pleno oceano em que há heroismo, firmeza e boa pontaria. Grandes barcos, verdadeiras cidades flutuantes, são metidos no fundo em menos de cinco minutos. O apêgo à vida não conta, nesses momentos. Se o inimigo surge à vista, é necessário aniquilá-lo, seja como fôr. Sempre assim foi desde que o mundo é mundo, e assim continuará sendo enquanto as aspirações de cada país sejam impostas com armas na mão



ECOS DA QUINZENA

O sr. Cardial Patriarca discursando no Teatro Nacional no dia de Cristo-Rei. — *Ao centro:* O ilustre escritor Eduardo de Noronha rodeado pela família no dia em que completou 80 anos. — O sr. dr. Costa Sacadura apresentando aos visitantes as instalações da Maternidade Magalhães Coutinho no 11.º aniversário da fundação dêste estabelecimento modelar. — *Em baixo:* Senhoras pedindo donativos para os cancerosos pobres. — O sr. general Daniel de Sousa com os membros da Direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, visitando, no Dia de Finados, os camaradas mortos que têm jazida no cemitério do Alto de S. João

SOU UM DESGRAÇADO GRILHETA DA GUIANA

COMO ME SALVEI NUM ESQUIFE...

e voltei a ser preso quando me considerava mais seguro

Planeando a fuga

Logo que chegámos, tive ocasião de verificar que íamos viver em barracas, libertos de qualquer vigilância, e que o nosso serviço consistia em reparar as estradas, conservar as pontes, serrar madeiras, e tudo, enfim, que carecesse do nosso esfôrço.

Em cada dia de trabalho, os soldados davam uma volta à aldeia e, depois de nos juntarem, levavam-nos às nossas tarefas, geralmente no mesmo local e próximo dali. Depois da vida miserável que arrastava em Caiena, é fácil supôr com que alegria eu olhava as árvores, as flores e o céu, e gosava a liberdade de conversar, fumar e distraír-me à minha vontade, logo que terminava o trabalho diário.

Aconteceu, porém, que eu tinha vindo para Saint Laurent durante a estação melhor, e durante muito tempo tive a impressão de que esta vida de suposta liberdade era bem melhor do que o trabalho em clausura a que era obrigado em Caiena.

Apareceram depois as chuvas torrenciais e, então tinha muitas vezes de trabalhar dentro de água que me chegava por vezes aos joelhos, enquanto a chuva caía impiedosamente sôbre o meu tronco nú, porque quem se puzesse a trabalhar vestido fàcilmente cairia devorado pelas febres. De facto, só ao fim de sete ou oito meses senti o primeiro acesso. Eu tinha tido febres em Caiena, mas, seja como fôr, a febre mais conhecida em Saint Laurent manifesta-se terrivelmente, talvez porque Caiena está situada num planalto, ao passo que, na época das chuvas, Saint Laurent é uma espécie de Veneza dos trópicos. Muitas vezes, a água circunda inteiramente as casas e as correntes que de mome to se formam ligam entre si os charcos existentes, correndo as águas tumultuosamente de um a outro extremo do lugar.

Quando o sol reaparece os charcos secam com grande rapidez, ficando cobertos de lodo nauseabundo, e a seguir vêm outros quatro ou cinco dias de chuvas, recomeçando as enxurradas.

Estava eu em Saint Laurent havia perto de dois anos, quando vagou o lugar de coveiro, porque o condenado que desempenhava essas tristes funções se enforcou. Sem dúvida, a responsabilidade de tão trágica resolução só cabia àquele abominável clima e à desesperança que na Güiana torna os homens pèssimistas e neurasténicos, se se conservam por muito tempo nessa terrível região.

Pedi o lugar ao oficial que nos comandava — um capitão — e, com grande surpreza minha, pois não esperava ser atendido, fui nomeado sucessor do suïcida. Os meus deveres consistiam em olhar pelo mísero cemitério, fazer os esquifes e abrir as sepulturas; em compensação, não iria mais trabalhar com os companheiros. Passei a viver numa casita só minha, perto do cemitério e, como os mortos, incluindo indígenas, condenados e guardas, não excediam em média a um por mês, eu não estava sob-ecarregado com trabalho.

A vida de ociosidade, que passei a levar, estava bem longe de ser agradável; deixava-me muito tempo para pensar, e pensar significava sofrer. Mal me instalei no meu novo lugar, outra vez a ideia da fuga me assaltou o espírito e, desta vez, eu sentia que podia contar com algumas probabilidades de êxito. A grande questão estava em saber como proceder. A costa, rodeada por aquela imensa massa de água que é o oceano, oferecia uma perespectiva pouco consoladora, e a idéia de atravessar tôda a colónia para me internar no Brasil não me parecia mais prudente.

Logo que notassem a minha ansência, seria perseguido; pelo caminho, tudo seria contra mim e, além disso, sôbre o procedimento da gente da fronteira brasileira para com os degredados evadidos — que fuzilam onde os encontram — já ouvíra dizer bastante para me dissuadir do propósito de penetrar no território daquele país. Noites e noites, sentado a fumar e a pensar, revolvia no meu cérebro o complicado problema e, dentro de pouco tempo, cheguei à conclusão de que o único caminho aberto na minha frente era a corrente traiçoeira do largo rio Maroni, através do qual poderia descobrir a costa da Güiana holandesa. Era naquela direcção, tanto quanto eu podia prevê-lo, que estava o caminho da liberdade.

Tendo estabelecido a direcção a tomar, passei a estudar o meio de atravessar o rio, e aqui novas dificuldades se me deparavam. Era completamente impossível conseguir um barco e, quanto a nadar ou flutuar naquela direcção, eram hipóteses que não se podiam sequer considerar, por causa da distância, das correntes, sempre velozes e incertas, e — por último, mas principalmente — dos crocodilos ali emboscados. Decididamente não estava resolvido a perder a vida por tal processo. Não obstante, eu não desesperava; suportando tudo, ía pesando tôdas as possibilidades. Por uma ou duas vezes, estive quási a renunciar à ideia da fuga, mas o terrível clima e as suas conseqüências, a alimentação detestável e a saüdade profunda que conservava da civilização faziam-me sempre voltar ao meu projecto. Por fim, descobri um plano, que, embora audacioso, me pareceu realmente exeqüível.

Acabei por me convencer de que à falta de melhor, podia utilizar-me dum esquife, como se fôra um barquito, para atravessar o rio. Não podia construí-lo sem ordem superior, mas, clandestinamente, fui tratando de arranjar um remo de pá, de modo que, assim que pudesse obter o esquife, mais fàcilmente poderia lançar-me na corrente, e contra ela, na minha estranha embarcação. Assim que o remo ficou pronto, logo tratei de o enterrar, prevendo o caso de virem, por má sorte, a descobri-lo. E então quedei-me à espera do primeiro que a morte viesse arrebatar.

Já tinha descoberto uma esplêndida vereda, arenosa, livre de quaisquer obstáculos, que conduzia directamente ao rio, e uma pequena baía igualmente apropriada para iniciar a minha tentativa. Enquanto preparava o golpe que me restituiria à liberdade perdida, ía pondo de lado tudo quanto podia poupar das minhas aliás magras rações — coisa extremamente difícil num clima em que tudo se deteriora ao fim de pouco tempo. Assentei que o próximo esquife a construír ficaria pronto durante a noite que precedesse o funeral, que usualmente tinha lugar ao fim da tarde, e que essa mesma noite seria testemunha da minha partida para a grande travessia do Maroni.

Contava eu pôr em prática o meu arrojado plano daí a quatro ou cinco semanas, quando, um dia, ouvi dizer que morrera um condenado, dos que trabalhavam nas obras, recebendo em seguida a competente ordem para fazer o caixão.

Posso garantir que nunca na vida me esforçára a trabalhar com tal entusiasmo. Seguramente o esquife era de construção fortíssima e em caso nenhum meteria água. O meu coração palpitava de ansiedade e enquanto passava mentalmente em revista todos os pormenores do meu plano, com receio de que alguma coisa me tivesse esquecido, precisamente no momento em qu· dava tudo por concluído, apareceu ordem para se alojar um correio, durante aquela noite, na casa que me estava distribuída! Estive a ponto de chorar de desespêro, pois a importuna chegada dêsse homem vinha comprometer quási por completo a realização do que projectava para aquela noite. Cheguei a pensar sèriamente em cometer um atentado contra o pobre homem, desfazendo-me dele por qualquer processo, para poder realizar o meu projecto de fuga.

Certo é que reflecti nas conseqüências que daí me podiam advir, lembrando-me dum possível regresso a Caiena, ou coisa pior, e resolvi adaptar-me às circunstâncias. Evidentemente o forçado morto teria de ser enterrado dentro do esquife, mas na noite seguinte nada impediria que eu o desenterrasse e me utilizasse do esquife como tencionava.

Fez-se o funeral segundo o costume, e, tendo o correio regressado a Caiena, abandonando a minha pousada, fiquei de novo à vontade para prosseguir na tarefa. Assim que o esquife desceu à sepultura e terminou o serviço religioso, comecei, como de costume, a encher a cova. Desta vez, porém, trabalhava com extrema lentidão e quando o último dos que acompanhavam o morto saíu do cemitério, apenas uma leve camada de terra cobria o esquife que assim ficou até à noite. Desde a manhã que eu não comera coisa alguma, porque a minha reserva de provisões era muito escassa e eu receava vir a morrer de fome, uma vez iniciada a jornada a caminho da fuga. As horas decorreram lentamente, mas, pôsto o sol, a noite veio enfim proporcionar-me a treva desejada.

Às onze horas da noite não se via uma luz onde quere que fôsse.

Deitei-me na cama e, durante uma hora, pouco mais ou menos, não ouvi o mais insignificante ruído; então, pegando no embrulho da roupa e na comida que tinha, saí, dessenterrei o remo e encaminhei-me para o cemitério. Descendo à sepultura aberta, puz-me a descobrir o esquife, gastando aproximadamente um quarto de hora nessa tarefa. Durante esse tempo convenci-me de que tinha ouvido barulho e essa impressão fez me passar alguns momentos de terrível ansiedade. Pouco tempo me detive a despregar a tampa, porque propositadamente a deixára muito mal pregada. Desfiz-me dela em seguida e, com o maior cuidado, deixei rolar o cadáver para a terra. Êste pormenor era bem desagradável, mas eu sentia que o morto não deixaria de ceder de bôa vontade o seu próprio esquife a um antigo companheiro de infortúnio, se soubesse com que humano propósito eu ía aproveitar-me dêle. Cobri-o com terra, o melhor que pude; em seguida, ergueudo o esquife e impelindo-o para fóra da sepultura, galguei atrás dêle.

Uma vez de pé, coloquei-o ao ombro e precipitei-me para o rio. Chegado ali, depu-lo à beira da corrente e voltei atrás, em busca dos volumes. Nada se ouvia; e então, ri, comigo mesmo, da facilidade com que tudo correra.

Ai de mim, que não sabia prever o que surgiria ainda na minha frente!

... consegui atirá-lo em pleno rôsto

De novo à beira do rio, lancei o embrulho e o remo para dentro do esquife e impeli êste para a água pondo-o a flutuar. Como não tinha podido até aí experimentá-lo, fiquei maravilhado ao verificar como ele vogava bem, substituindo perfeitamente o barco que me faltava.

Com extremos de cuidados saltei para dentro e, dando-lhe com o pé um derradeiro impulso, fi-lo deslisar suavemente no rio profundo.

Pode-se imaginar como estava excitado. Fóra da colónia penal e a caminho da liberdade!

Como não podia perder um minuto, comecei desde logo a remar quanto em minhas fôrças cabia. O meu curioso barquinho debatia-se por tal forma com a corrente que, por momentos cheguei a pensar que iria afundar-se comigo. Felizmente para mim, o pobre caixão levantava-se por si mesmo e, passado pouco tempo, consegui harmonisar a minha remada com os seus movimentos. Cortando a corrente, veloz, em diagonal, procurava aproximar-me gradualmente da margem holandesa. Calculava pôr pé em terra antes do nascer do sol, a umas oito milhas para montante do rio e, sabendo que, a umas quinze milhas acima de Saint Laurent havia outra aldeia francesa, queria a todo o transe evitá-la, sucedesse o que sucedesse.

Vinha eu remando havia uns três quartos de hora, quando ouvi um súbito rumor. Parei de remar e puz-me à escuta, numa grande ansiedade, e, quando me esforçava por ver, penetrando com o olhar a treva densíssima, por pouco não fiz sossobrar a minha mísera embarcação.

De facto, a quantidade de água que nela entrou foi tal que as minhas calças, e a preciosa bagagem ficaram completamente encharcadas. Passados uns instantes, pude distinguir algumas formas humanas, sôbre uma espécie de jangada, e ouvi o rumor da água e um chuveiro de pragas, e maldições.

A princípio, julguei que seriam soldados em minha perseguição, mas em seguida perdi-os de vista e hoje estou certo de que eram condenados evadidos, como eu. Pareceu-me vê-los arrastados pelo turbilhão das águas, e julgo que voltaram a ser presos ou morreram afogados.

Senti-me então orgulhoso da idéia que tivera de utilizar o esquife, infinitamente mais fácil de orientar e dirigir do que uma tôsca jangada.

Com pequenos intervalos para descansar, continuei remando sempre, tendo já gasto, pelos meus cálculos, umas duas horas, ou mais. Era seguramente o momento mais crítico da minha vida, desde que saíra de França. O coração apertava-se-me angustiosamente a cada ruído desconhecido que ouvia, e a escuridão era de tal modo intensa que eu perdera por completo a noção da direcção a tomar. Já não seria recapturado, mas agora, estava perdido no vasto seio das águas. Não podia afirmar com segurança se tomava, ou não, a direcção que pretendia; na verdade, não podia ver além de alguns metros através da treva cerrada que me envolvia implacàvelmente. Creio que estava nervosíssimo, e a certa altura pareceu-me que o esquife já se não movia com a mesma facilidade. Bem depressa verifiquei que metia água pelo fundo e, nêsse instante, afigurou-se-me certíssimo que acabaria por morrer afogado ou seria devorado pelos jacarés, se não conseguisse alcançar imediatamente a margem do rio. Mas onde estava a margem?

Jámais esquecerei a última meia hora de luta com a corrente; foi um verdadeiro pesadêlo. O meu pobre esquife já pouco poderia resistir; nos meus esforços para seguir um caminho direito, erguia-me a cada instante para tombar em

seguida. As fôrças esgotavam-se-me também e, por momentos, senti-me mergulhado até ao tronco. Precisamente quando tinha perdido tôdas as esperanças, qualquer coisa como uma parede pintada de negro surgiu na minha frente e senti que esbarrava contra êsse novo obstáculo. O esquife voltou-se instantâneamente, lançando-me à corrente. Felizmente, a profundidade era apenas de alguns palmos e, fazendo pecipitadamente um último esfôrço consegui, enfim, alcançar a terra firme. Aquilo que pouco antes me parecera uma parede negra era uma densa floresta de robustas árvores, uma vegetação imensa que parecia querer vedar-me a entrada no território daquela margem; quando a luz do dia apareceu, pude então avistar a margem oposta. Aguardei o nascer do sol, prêso da maior agitação, pois até essa hora não podia dizer se estava em terra holandesa, se em terra francesa.

Por fim, o sol apareceu por detrás das núvens que pejavam a linha do horizonte e o céu readquiriu em poucos momentos aquela tonalidade azulada e terrível que nesta zona do glôbo significa um dia abrasador.

Com grande satisfação, reconheci que me achava na margem holandesa e, resolvido a não correr mais riscos, puz ao ombro a trouxa da roupa que conseguira ainda salvar e, apoiado a uma pequena vara, voltei costas à corrente e embrenhei-me na floresta. Quem nunca penetrou o labirinto de árvores, arbustos e plantas de tôda a espécie que constitui uma floresta de trópicos, não pode imaginar o que sejam dificuldades de locomoção. Eu sentia que milhares de olhos inimigos me espreitavam, que milhares de sêres misteriosos, implacáveis, me seguiam os passos. A cada instante, mudava de direcção, diligenciando principalmente encontrar um caminho que me afastasse definitivamente do rio, onde mais receava ser visto e recapturado. Aves estranhas, entre elas inúmeros papagáios, gelavam-me o sangue nas veias com os seus gritos aterradores, por vezes mesmo aos meus ouvidos. Por mais de uma vez, se me depararam enormes macacos que me fixavam, ameaçadores, e só o propósito deliberado, em que ía, de não me deixar amedrontar, impediu que eu desanimasse e sucumbisse. Por fim completamente esgotado, atirei-me para o chão, desatei o embrulho e, fazendo com as roupas uma almofada, estendi-me sôbre o cobertor que me servia de saco e adormeci. Assim terminou o meu primeiro dia de liberdade.

O meu sono durou certamente muitas horas, visto que, quando acordei, o sol subia de novo, havia uma hora, pouco mais ou menos. Antes de adormecer tivera o cuidado de fixar a direcção que tomára e que não queria perder. De súbito, notei que o terreno em que estava deitado parecia mover-se; vi então, que as minhas roupas estavam cobertas de grandes formigas pretas. Perdi quási uma hora para me desembaraçar delas; em seguida comi alguma coisa que me restava da minha magra reserva de provisões e que consegui cozinhar com água do rio.

Quando acabava a minha pobre refeição, um corpo escuro caíu-me nas pernas e uma mão lesta e forte procurava arrancar-me o último pedaço de pão que eu propunha ingerir. Era um macaco. O golpe falhou porque lhe vibrei um tremendo sôco num ouvido que o convenceu a saltar prontamente para cima de uma árvore.

Narrarei sòmente mais dois incidentes do meu segundo dia de marcha.

Um foi o achado de uma garrafa de vidro que me fez recear a existência, ali perto, de quaisquer homens — e dizer homens era dizer inimigos; o outro consistiu no feliz encontro de um lindo ribeiro de água cristalina. Nêle enchi, depois de a ter lavado cuidadosamente, a minha garrafa de vidro, cuja posse, só por si, me tornava quási feliz e, sobretudo, me trazia ao espírito uma maior confiança no futuro.

Ao terceiro dia, tive um encontro desagradável. Um índio, que avistei sentado junto de um velho tronco, deu-me a impressão de que me espiava desde alguns minutos.

Estávamos numa espécie de clareira e ali nos encontrámos face a face, cada um do nós fitando o outro, sem esboçar um gesto. Foi êle quem primeiro se mexeu, apontando-me uma vara que trazia na mão.

Julguei tratar-se dum engenho de soprar, dêsses que expelem espinhos envenenados.

Surpreendendo o gesto, desviei-me de um salto e lançando mão duma acha de razoável pêso, atirei-lha com violência. A pontaria não podia ter sido melhor, pois consegui atingi-lo em pleno rôsto.

Assustado, correu para o interior do mato e desapareceu. Receado novo ataque em outro ponto do caminho, afastei-me também, correndo quanto podia, mas, felizmente, não tornei a ver índios.

Se bem me recordo passei ainda uma semana na floresta. Vezes sem conto se me depararam obstáculos que me obrigavam a voltas enormes para retomar a minha direcção. Freqüentemente via o caminho atravessado por javalis e uma vez tive a impressão de que era perseguido por um jaguar. Os géneros tinham-se-me acabado e já há dias me vinha alimentando de sementes e de uma planta muito semelhante ao aipo que uma vez experimentára, sem maus resultados, e que encontrava fàcilmente em grandes quantidades. Sentia-me cada vez mais enfraquecido e já pensava que, a despeito do risco que podia correr, teria de voltar para trás, a procurar junto do rio algum tenue indício de civilização. Entretanto o tempo mudára e a chuva caía impiedosa, obrigando-me a perder horas sem fim sôbre o abrigo, aliás insuficiente, das grandes árvores.

Por fim voltei de novo os meus passos na direcção sudeste, encontrando por acaso, a breve trecho, a margem do rio. No meu vaguear incessante, procurára sempre manter uma direcção paralela à corrente. A marcha por ali era mais fácil e agora, ao menos já via alguns barcos, dos quais, é claro, me ocultava sempre que os via muito perto da margem. Uma tarde, encontrei-me junto de uma pequena barraca, à porta da qual um branco serrava madeira. Resolvi aproximar-me dela, sucedesse o que sucedesse, porquanto assentára em que se me tornava impossível continuar errando ao acaso na floresta. A companhia de um sêr humano era já para mim uma necessidade cuja satisfação não comportava delongas; sentia não poder suportar por mais tempo aquele isolamento horrível. Em harmonia com esta disposição em que me encontrava, avancei audaciosamente para a barraca.

Assim que me viu, o holandês — soube depois que o era — parou de serrar e lançou mão de uma carabina que tinha próximo. Vendo esta atitude, mostrei-lhe as minhas faces de europeu e levantei as mãos ao ar, para significar que não trazia arma de qualquer espécie. Aproximando-me mais, verifiquei que êle falava um pouco o francês e disse-lhe que andava perdido na floresta. Preguntou-me pelo meu destino e eu disse-lhe que queria dirigir-me ao Brasil. Estou certo de que suspeitou logo da minha qualidade de galeriano, porque se absteve cuidadosamente de inquirir de onde eu viera e como tinha conseguido perder-me — preguntas muito naturais em outras circunstâncias. Sentei-me no chão e puz-me a vê-lo trabalhar, notando que me fitava constantemente e que evitava em absoluto afastar-se da sua carabina.

Quando pôs têrmo à tarefa, levou-me para dentro da barraca e ofereceu-me comida que eu devorei sôfregamente.

Continuou ainda a observar-me de relance, mas as suspeitas em breve se desvaneceram, vindo a mostrar-se bem disposto ao fim de pouco tempo.

Demorei me dez dias junto do generoso holandês, ajudando-o a serrar madeira e prestando-lhe, em troca da sua hospitalidade, outros serviços de pequena monta. Iamos juntos à pesca e à caça. Ele caçava e eu conduzia as peças abatidas.

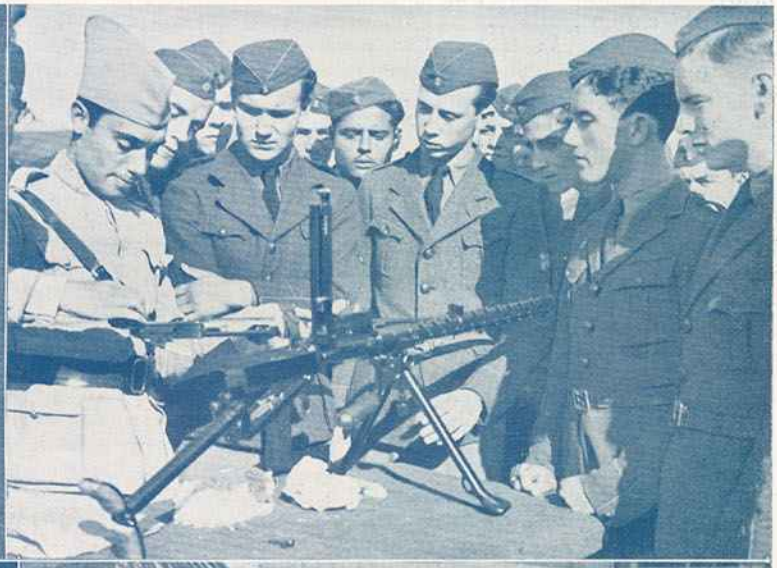
Dentro em pouco tempo, tornámo-nos os melhores amigos. Finalmente, levou-me no seu barco até à nascente do rio, onde êle possuía uma outra casita.

Não muito longe, estava a fronteira brasileira, e eu sentia-me impaciente por atravessá-la e apanhar-me realmente livre. Quando lhe falava nos meus planos, o meu amigo holandês disse-me que tinha um amigo que se dirigia para as regiões do norte do Amazonas para obter um negócio de borracha. Quereria eu ir com êle? Naturalmente, exultei com a idéia e em seguida, aproveitando algumas correntes pouco impetuosas, dirigimo-nos para a casa do brasileiro, que ficava no sopé da muralha. Era um homem forte, espadaúdo, áspero na voz e nas atitudes. Viviam com êle a espôsa, dois filhos, já crescidos, e uma filha. Disse-me que podia acompanhá-lo, querendo trabalhar com afinco, aliás era escusado pensar nisso.

(Continua).

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Ao lado: Os charadistas, filiados na L. A. C., que se reüniram no mês passado num almôço de confraternização. *Em baixo: A' esquerda:* O Chefe do Estado, acompanhado pelos srs. Ministro da Educação Nacional e dr. Reinaldo dos Santos, visitando e exposição da 3.ª Missão de Férias, efectuada na S. N. de Belas Artes e a chegada à estação do Rossio do realizador inglês Alexander Korda, que a Lisboa veio tomar o *Clipper* da carreira da América do Norte. O ilustre director da London-Film era aguardado por várias pessoas em destaque no meio cinematográfico. *A' direita:* Uma fase do funcionamento dos centros de especialização de milícia da Mocidade Portuguesa, cuja instrução recomeçou com a abertura das aulas e um aspecto da exposição de flores realizada na Legação de França, simpática iniciativa de Madame Amé Leroy a favor da Cruz Vermelha Francesa



A TOMADA DE DANTZIG PELO "GRANDE EXERCITO"

Como Lefevre conquistou esta fortíssima cidade

Lefevre

Essas fôrças eram pouco consideráveis. 5.000 a 6.000 polacos, todos êles recrutas que pouca ou nenhuma instrução haviam recebido; 2.500 soldados da legião do Norte (na maior parte composta de polacos e de desertores alemães e russos) corpo valente mas muito desorganizado; 2.200 soldados de Bade ainda muito pouco habituados ao fogo; 5.000 saxónios que, tendo combatido em Iena ao lado do rei da Prússia não mereciam grande confiança. No meio de todos estes estrangeiros apenas 3.000 franceses do 2.º de ligeiros, do 19.º e do 23.º de caçadores e 600 sapadores.

Era, pois, apenas com 18.000 homens, dos quais ùnicamente 3.000 eram franceses, que se ia empreender o cêrco em regra duma praça que tinha igual número de guarnição.

Mas antes de principiarem a atacar a praça, para o que precisavam de artilharia pesada, a qual, tirada dos arsenais da Silésia, estava a ser morosamente conduzida, devido ao péssimo estado das estradas, era preciso cercá-la a-fim-de a impedir de receber reforços da cidade de Koenigsberg. Para o conseguir tornava-se necessário separá-la, por um lado, do forte de Weichselmünde, e tomar o extenso banco de areia que se estende desde Koenigsberg a Dantzig, apenas com um corte em Pillau.

O marechal Lefevre e os generais Chasseloup, Lariboisière e Kirgener reüniram-se em conselho, a-fim-de decidirem quais deviam ser as operações preliminares.

Junto ao cume das alturas arenosas, que dominavam Dantzig a oeste, avistava-se em frente o recinto exterior, construído nessas mesmas alturas, e, ao longe, ocupando todo o horizonte, o banco de areia, banhado dum lado pelo mar e doutro pelo Vistula, à direita, os vastos terrenos inundados pela ribeira Motlau; à esquerda, o Vistula, que se lançava no Báltico, atravessando as fortificações do Weichselmünde e, aos pés, no fundo do pequeno vale, a cidade.

Era — reconhecia Lefevre, assim como os generais curvados sôbre a planta — um círculo de oito léguas que, dispondo apenas, como dispunham, de 18.000 homens, não se podia cercar. É certo — concordavam todos — que, apoderando-se de certos pontos principais, o cêrco já estaria em parte efectuado. Assim, tomando posição no Vistula, entre o forte de Weichselmünde e Dantzig, interceptavam-se as comunicações pelo mar e, ocupando o Nehrung, interceptavam-nas por terra. Mas para se apoderarem dêsses pontos principais seria preciso assenhorearem-se primeiro das alturas; em seguida, descendo pela esquerda, tomarem as fortificações do Weichselmünde nas duas margens do Vistula e, se não conseguissem levar a cabo essa operação, teriam, pelo menos, que interceptar o rio, ocupar a ilha de Holm e apossar-se do canal de Laake. Depois de terem descido pela esquerda seria necessário descerem também pela direita para a planície inundada; atravessarem-na sôbre os diques; transporem o Vistula abaixo de Dantzig como o haviam transposto acima; entrarem no Nehrung; entricheirarem-se ali e cortarem o caminho por terra assim como pelo mar. Vencidas essas primeiras dificuldades, poder-se-iam abrir trincheiras em frente ao recinto.

Mas para isso seriam precisos 10.000 homens, isto é, 10.000 verdadeiros soldados e não 10.000 recrutas e, como não os tinham, era forçoso desistir.

O general Chasseloup alvitrou então escolher-se entre as operações preliminares a que parecesse mais urgente e menos difícil.

Depois de haver demonstrado a todos os generais e oficiais superiores presentes que transpor o Vístula abaixo de Dantzig, entre o forte de Weichselmünde e a praça, debaixo do fogo dos redutos bem guarnecidos, contando de certeza com as sortidas que os prussianos poderiam fazer, tanto de Koenigsberg como de Dantzig, era uma operação arriscadíssima, o general, dispondo da absoluta concordancia do marechal Lefevre, comandante das fôrças, resolveu que se passasse o Vístula duas léguas acima do ponto denominado Neufahr; que se acampasse ali, interceptando assim o Nehrung; depois, à medida que fôsse sendo possível, que se reforçasse esse acampamento de modo a aproximá-lo de Dantzig, a-fim-de que êle pudesse vir a auxiliar as tropas que mais tarde transporiam o Vístula, entre o forte de Weichselmünde e a praça.

Essa operação foi confiada ao general Schramm que, na manhã de 19 de Março, com um corpo de perto de 3.000 homens — corpo êsse composto dum batalhão do 2.º de ligeiros, de algumas centenas de granadeiros saxónios e dum destacamento polaco, de infantaria e cavalaria, e dum esquadrão do 19.º de caçadores — atravessou o Vístula, que nêsse ponto, pelo facto de se dividir, era mais estreito, e desembarcou no Nehrung.

Uma vez no banco de areia o general Schramm dividiu o seu pequeno corpo em três colunas, à frente de cada uma das quais colocou um destacamento francês.

Eram três as colunas, como disse: uma, à direita, para se lançar sôbre as tropas inimigas que defendiam a posição do lado de Dantzig; outra, à esquerda, para repelir as que viessem do lado de Koenigsberg e outra ainda para contituir a reserva.

Acto contínuo, a primeira coluna, conduzida pelo general Schramm, avançou ao encontro dos prussianos e, não obstante o vivíssimo fogo que êstes lhe fizeram, conseguiram repeli-los.

Enquanto a primeira coluna, reforçada pela terceira, obrigava o inimigo a recuar para Dantzig, a segunda permanecia em observação na estrada de Koenigsberg.

Os prussianos quiseram ainda aproveitar-se das irregularidades do terreno (o Nehrung próximo de Dantzig apresenta bosques e dunas) para oferecerem nova resistencia, mas a primeira coluna, auxiliada pela terceira, repeliu-os novamente, matando e aprisionando vários homens.

Afinal a desconfiança que, tanto Napoleão como Lefevre, nutriam a respeito dos saxónios era injusta, pois logo neste primeiro recontro êles rivalisaram, pode dizer-se sem exagêro, em valentia com os franceses, de modo que o general Schramm conseguiu repelir o inimigo até aos *glacis* do forte de Weichselmünde.

Nesse mesmo dia, ás sete horas da tarde, o general avistou uma coluna de 4.000 prussianos, saíndo de Dantzig, ao rufo do tambor e com bandeiras desfraldadas.

O 2.º de ligeiros, com um fogo certeiro, deteve esta coluna e depois, carregando-a à baioneta, rechassou-a na direcção de Dantzig para onde ela correu a encerrar-se.

Esta sortida, cujo malôgro assegurou aos franceses a posição que interceptava o Nehrung, custou aos prussianos 300 homens fora do combate e 600 prisioneiros.

Uma vez repelido o inimigo, o capitão de engenharia Girod mandou cortar árvores, construir abatizes e estabelecer uma ponte de barcas, com uma forte cabeça de ponte. As tropas alojaram-se por detraz dêsse abrigo e organizaram, para se guardarem, patrulhas de cavalaria que, por um lado, chegavam quási até junto dos *glacis* do forte de Weichselmünde e, por outro, até ao Nehrung, na direcção de Koenigsberg.

No dia 26 de Março os prussianos tentaram duas sortidas: uma da praça, pelas portas de Schidlitz e d'Oliva sôbre os postos avançados dos franceses, a-fim de acabarem de incendiar os arrabaldes e outra das fortificações exteriores do forte de Weichselmünde dirigida contra a esquerda do quartel general francês por Langenfurth. Tanto uma como outra foram enèrgicamente repelidas.

Ao repelirem os prussianos até junto das fortificações os franceses puderam examiná-las e estudar-lhes a configuração.

O recinto exterior, construído à beira das alturas, apresentava duas fortificações entre si ligadas, mas separadas por um pequeno vale, ao fundo do qual ficava situado o arrabalde de Shidlitz. A primeira destas fortificações, a que ficava à direita dos sitiantes, chamava-se Bischoffsberg e a segunda, a da esquerda, Hagelsberg.

Foi esta última que o general Chasseloup escolheu para principal ponto de ataque, depois de se haver feito um simulacro de ataque ao Bischoffsberg.

Várias razões determinaram o general de engenharia Chasseloup a aconselhar o marechal Lefevre que ordenasse o ataque ao Hagelsberg.

As fortificações do Hagelsberg não se encontravam em tão bom estado como as do Bischoffsberg. Além disso, o Hagelsberg, como era estreito, dificultaria o desenvolvimento das fôrças enquanto que o Bichoffsberg, muito vasto, permitiria colocar em linha de batalha perto de 4.000 homens e lançá-los em massa sôbre o inimigo. Finalmente, o Hagelsberg podia ser batido de reverso e o Bichoffsberg não o podia ser de lado algum. Até ao Hagelsberg o terreno, embora irregular, mantinha-se relativamente plano, enquanto que próximo do Bischoffsberg havia um profundo barranco no qual não parecia possível abrir trincheiras de comunicação.

De resto, o Hagelsberg, além de ser muito mais fácil de tomar, ofereceria, uma vez tomado, uma posição muito mais vantajosa.

Tanto do Hagelsberg como do Bischoffsberg se dominava a praça e se poderia fazer sôbre ela um fogo intenso. Porém, era natural que, mesmo assim, ela continuasse a resistir e que os sitiantes fossem obrigados a descer das alturas para virem atacar o segundo recinto. Se nesse momento ocupassem o Bischoffsberg ao descer encontrariam, desde o bastão de St.ª Isabel até ao de St.ª Gertrudes, um reentrante flanqueado por todos os lados e exposto para mais ao fogo de alguns «cavaleiros» bastante elevados, enquanto que, se ocupassem o Hagelsberg, ao descer encontrariam, desde o bastião de Heilige-Leichnams até ao de St.ª Isabel, uma frente saliente que, não sendo flanqueada de lado algum, seria de fácil acesso.

Fora isso, êste ataque aproximava as fôrças principais do baixo Vistula e era pelo baixo Vistula que era preciso investir a praça. Fariam avançar o corpo destacado do general Schramm, ajudando-o a passar á ilha de Holm e assim se isolaria Dantzig do forte de Weichselmünde.

Nos fins de Março, o marechal Lefevre recebeu uma parte dos reforços, que Napoleão lhe prometera. Fôrças pouco numerosas, mas compostas de soldados de élite. Com o 44.º de linha e o 19.º, que chegára escoltando um combóio de artilharia, já podiam começar com os trabalhos de aproxe.

Os conhecimentos do marechal Lefevre na ciência que o célebre engenheiro Vauban tanto engrandecera e transformara, eram bastante rudimentares, mas no entanto, êle via perfeitamente que deante duma praça fortificada e guarnecida como estava Dantzig não se podia avançar a descoberto. Por conseguinte, tinha que aplicar-se a tática das paralelas.

Embora nunca tivesse estudado a fundo fortificação de campanha, Lefevre sabia bem em que consistia a tática das paralelas, a tática que, inventada por Vauban, fora experimentada (e com o maior êxito) pela primeira vez no cêrco de Maestricht: era abrindo trincheiras e lançando para o lado do inimigo a terra que delas iam tirando, que os soldados podiam avançar para uma praça de guerra, debaixo do fogo da artilharia pesada. Abria-se assim a trincheira chamada paralela porque, de facto, era aberta paralelamente à frente que se atacava.

Essa primeira paralela tinha, em geral, 5 a 6 metros de largura e 1,30 de profundidade. Uma vez essa primeira paralela aberta e guarnecida de baterias, para responderem com o seu fogo ao do inimigo, continuava-se a avançar (sempre lançando para o lado do inimigo a terra que iam tirando) abrindo diversas dessas trincheiras estreitas chamadas «zigue-zagues» até ao ponto marcado para se traçar a segunda paralela. Essas trincheiras estreitas, como de resto o seu nome indica, não eram abertas em linha recta, mas obliquamente, formando uma série de ângulos agudos, de maneira que da praça não as podiam bater de enfiada.

A segunda paralela, que se guarnecia igualmente de baterias, era aberta a 300 ou 400 metros de distância da primeira e teria ao princípio 5 ou 6 metros de largura. Depois iria até 30 metros.

Assim que se acabasse a segunda paralela prosseguir-se-ia o avanço, abrindo novos «zigue-zagues» até ao ponto, 300 ou 400 metros além da segunda, onde se traçava a terceira paralela. Dessa terceira paralela, que teria 36 metros de largura, é que os sitiantes se lançavam á beira do fôsso chamado «caminho coberto». Uma vez derrubadas, com a artilharia de bater, as muralhas chamadas «escarpas» e obstruído o fôsso, com os seus escombros, é que se podia finalmente dar o assalto.

Infelizmente, nem todos os sitiantes chegavam a transpôr o fôsso, porque os

Um acampamento do «Grande Exército» (Desenho de Charlet)

sitiados com o seu fogo, as suas sortidas e, sobretudo, com as suas minas não só dificultavam imenso êsses trabalhos, como ceifavam muitas vidas.

Era a terrível guerra subterrânea na qual — reconhecia sensatamente Lefevre — os herois deviam deixar-se conduzir pelos sábios. E, por essa mesma razão, pediu ao general que desse em seu nome todas as ordens, até ao momento em que as brechas fôssem julgadas praticaveis.

— Encarregue-se o general — disse êle a Chasseloup, com êsse franco sorriso que tão atraente fazia o seu rosto marcial — de dirigir os trabalhos de aproxe, porque eu não entendo nada dessa guerra de toupeiras. No tempo em que eu era comandante em chefe do exército de Sambre-e-Meuse nunca foi preciso fazermos luras para avançarmos ao encontro do inimigo!

— Quanto a mim — acrescentou — irei até às trincheiras para animar com a minha presença os sapadores e esteja descansado, general, que eu e os meus granadeiros não havemos de deixar os prussianos destruir as suas paralelas.

Na madrugada de 2 de Abril já se encontrava aberta, numa extensão de 200 toezas, a primeira paralela em frente ao Hagelsberg e, apezar do fogo incessante dos sitiados, principiaram no dia seguinte a abrir «zigue-zagues».

Mas, antes de se começar a abrir a segunda paralela, convinha tomar-se o reduto de Kalke Schanze, pois êste reduto, situado á beira do Vístula, nos terrenos inundados, dominava as trincheiras.

Os soldados da legião do Norte tomaram-no de assalto, mas, nessa própria noite, os prussianos fizeram uma sortida contra a primeira trincheira e contra o reduto.

Nas trincheiras foram energicamente repelidos, mas no reduto os saxónios, tão audaciosos para atacar como pouco firmes para resistir, deixaram-se desalojar. Imediatamente os prussianos inundaram, com as águas do Vístula, os fossos e rodearam as escarpas de terra de grandes palissadas.

Os franceses, reconhecendo que naquele momento não seria fácil tomar de novo o reduto, viram-se obrigados a continuar mesmo assim os trabalhos de aproxe e construiram *traverses* para se abrigarem do fogo de flanco.

Lefevre andava constantemente pelas

Os sapadores e a música do regimento (Composição de Georges Scott)

trincheiras, para animar os sapadores que, na verdade, estavam exaustos.

O tempo piorava de dia para dia. Ora chovia torrencialmente ora caía neve aos montões. Além disso, o terreno, devido ao facto de ser arenoso, dificultava extraordinàriamente todo e qualquer trabalho. As areias, levantadas pelo embate das balas, e pelo vento que soprava de rijo, entravam-lhes pelos olhos dentro, forçando-os a, de quando em quando, parar. E, ainda por cima, não podiam responder ao fogo dos sitiados, porque não dispunham de artilharia pesada. A artilharia de campanha, que haviam recebido ultimamente, achava-se colocada nalguns redutos, para, no caso de sortida, se metralhar o inimigo.

Na noite de 7 para 8 de Abril do mesmo mês abriu-se uma paralela em frente ao Bischoffsberg, não só no intuito de distraír o inimigo com um simulacro de ataque, como também a fim de colocar baterias em posição, para bater de reverso o Hagelsberg.

Por sua vez o marechal Kalckreuth, comandante da praça, mandou iniciar trabalhos de contra aproxe para se apoderar dum montinho que dominava as trincheiras.

Lefevre e Chasseloup, decididos a, de maneira nenhuma, permitirem que os sitiados se apoderassem desse montinho, incumbiram o majar Rogniat de ir, com quatro companhias do 44.º de linha e 120 soldados da legião do Norte, destruír êsses trabalhos.

O major Rogniat conseguiu pôr em fuga os prussianos, mas não pôde levar a cabo essa destruição.

Os soldados da legião do Norte começáram a atulhar ás pàsadas as trincheiras abertas pelos sitiados, mas viram-se obrigados a retirar antes de as haverem completamente destruido.

Realmente, a não ser que se fizessem matar até ao último homem, era impossivel agüentarem se, apenas a 40 toezas da praça, debaixo dum fogo horrorozo de metralha.

Os prussianos voltaram a ocupar as suas trincheiras.

De novo Lefevre e Chasseloup mandaram rechassá-los.

De novo os franceses desalojaram os prussianos, matando perto de cinqüenta e aprisionando quási outros tantos. De novo começáram a atulhar as trincheiras.

Porém, de madrugada, não podendo manter-se, apezar de apoiados pelos seus *tirailleurs*, debaixo do fogo da praça, tiveram que retirar-se.

Na manhã do dia 12 os sitiados voltaram a ocupar a sua trincheira, e construiram no montinho uma espécie de reduto guarnecido de palissadas.

O marechal Lefevre, possuído duma cólera louca, queria, á viva força, ir êle proprio, desalojar o inimigo.

Foi preciso empregar todos os maiores argumentos, para o convencerem de que só tinha o direito de arriscar a sua preciosa existência nos momentos supremos do perigo ou da glória.

Nesse mesmo dia 12, ás nove horas da noite, o general Puthod e o major Rogniat, á frente de 300 granadeiros saxónios, duma companhia de carabineiros da legião do Norte e duma companhia do 44.º da linha, atacaram o reduto. Os prussianos, abrigados por detraz das suas palissadas, resistiram energicamente, mas por fim víram-se forçados a abandonar o reduto.

Imediatamente os franceses o ligaram à segunda paralela, que nesse mesmo dia tinha sido aberta.

Todavia Lefevre, receando que, ainda desta vez, os sitiados não se déssem por vencidos, decidiu, assim como Chasseloup, velar tôda a noite na sua tenda. Não se enganava nas suas previsões.

Já de madrugada, de repente, Lefevre ouviu os canhões da praça troarem com um estridor infernal e, quási simultaneamente, vindos do acampamento, toques de clarim, rufos de tambor e os gritos: «Ás armas»!

Antes que o marechal tivesse tempo de saír da sua tenda, um oficial, pálido, ofegante, mal podendo articular uma palavra, entrou como um furacão.

— Meu Marechal — balbuciou aflito o oficial, respondendo à interrogação muda do seu comandante — os prussianos, protegidos por tôdas as bocas de fogo da praça, fazem nêste momento uma grande sortida. Apoderaram-se novamente do reduto e já entraram nas nossas trincheiras. Dentro dum quarto de hora, se não conseguirmos detê-los, estarão aqui!

Chasseloup, vendo as suas trincheiras préstes a serem destruídas, mudou de côr. Quanto ao marechal Lefevre, êsse ficou impávido. Nem um único músculo da sua face estremeceu.

Enfiou o chapéu, afivelou o cinturão e saíu da tenda.

Uma vez cá fora, o marechal reconheceu que o oficial em nada exagerara.

Era preciso repelir imediatamente os prussianos quando não, antes duma hora, seriam êles, devido à inferioridade de fôrças e falta de material, completamente rechassados.

Mas como sempre, nas horas supremas do perigo, Lefevre conservou tôda a sua presença de espírito.

Depois de haver reünido um batalhão do 44.º de linha, o Marechal, com uma voz de estentor que quási dominava o canhoneio, exclamou:

— «Soldados! Êste reduto não é apenas a sentinela do nosso acampamento, mas a chave de Dantzig! O inimigo ocupa-o. É preciso desalojá-lo e imediatamente!

Eu prometi ao Imperador que havia de tomar Dantzig e conto convosco para impedirdes um Marechal de França de faltar à sua palavra. Para a frente, granadeiros do 44.º de linha, e viva o Imperador!»

O Imperador! Lefevre acabava de pronunciar a palavra mágica com que se acendia no coração dos soldados a chama sagrada do heroïsmo!

— «Para a frente e viva o Imperador!» — repetiu o marechal.

E, sem olhar para trás, Lefevre desembainhou a espada e, metendo-se pelas trincheiras invadidas, correu ao encontro dos prussianos.

— «Viva o Imperador!» respondeu em unísono todo o batalhão, lançando-se imediatamente atrás do seu comandante.

Era uma avalanche humana que ia cair sôbre o inimigo.

Os prussianos iam apanhar uma sova, mas uma dessas sovas mestras como ninguém no «Grande Exército», a não ser Ney ou Murat, sabia dar como Lefevre.

Á frente de todos, o marechal avançava sempre, espalhando em redor, ùnicamente com a sua espada, o terror e a morte. E aqueles que escapavam à espada do marechal caíam trespassados pelas baionetas dos granadeiros.

Não havia tempo para carregar as armas. Combatia-se peito contra peito, homem contra homem.

Os prussianos, apesar de serem muitíssimo mais numerosos do que os franceses, principiaram a recuar apressadadamente tomados do maior pânico. Momentos depois as trincheiras achavam-se completamente limpas.

Mas isso não bastava a Lefevre. Para que a sova fôsse completa era preciso desalojar o inimigo do reduto.

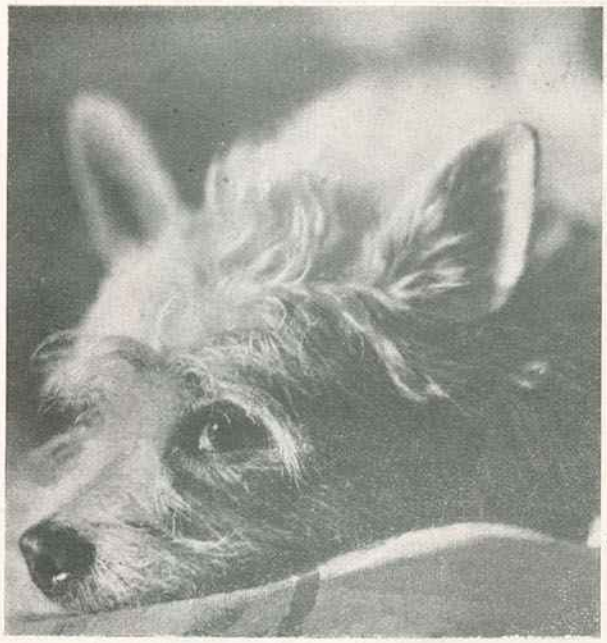
— «Ao reduto! Ao reduto!» — bradou o marechal saindo da trincheira e apontando, com a espada vermelha de sangue, para a pequena eminência no cimo da qual se elevava o reduto.

Na verdade, era um espectáculo grandioso e edificativo para os granadeiros verem o seu comandante, um Marechal de França, avançar, à frente de todos, como um simples soldado, debaixo duma terrível chuva de balas.

(continua)

EUNICE PAULA.

DOCE RECORDAÇÃO DE TEMPOS AMARGOS



TINHA ainda um filho a meu lado. O outro já se havia sumido no torvelinho de miséria que a guerra levantára.

Morava eu no Boulevard d'Avroy, em Liége, onde anos depois vi desfilar as tropas aliadas vitoriosas, num contraste impressionante com o desfile do exército invasor na sua entrada em Bruxelas em 20 de Agosto de 1914.

Os soldados do Boulevard d'Avroy iam airosos, contentes, mas sem o ar vaidoso dum exército vencedor; as tropas do Kaiser traziam no rosto impresso o orgulho de quem já tinha a certeza da vitória.

Pois foi ali, naquele primeiro andar dessa linda artéria da capital da Wallonia, que eu colhi uma enternecedora sensação, da qual guardarei sempre a lembrança.

Tínhamos acabado a nossa refeição da noite, quando o meu Marcelo me disse que sentia barulho, como se alguém empurrasse a porta do patamar.

Preguntei quem era, ninguém me respondeu.

Intrigada, fui abrir cautelosamente a porta, e impelida do exterior ela abriu-se mais do que eu queria, deixando passar um grande cão, com um pedaço de corrente a pender-lhe da coleira. Entrou na sala e sem um latido pôs-me as patas nos ombros, transparecendo-lhe no olhar uma alegria doida.

«— É o Leão! — gritou o Marcelo, batendo as palmas de contente. — Como conseguiu êle voltar para nossa casa?»

Eu própria fiquei também admirada, achando estranho que o animal tivesse conseguido soltar-se da sua forte cadeia de elos de aço.

Isto assim não é nada, só conhecendo o princípio da história, o caso tem a importância que merece.

Eu creio que já contei êste episódio num livro, mas conto-o de novo para os leitores da *Ilustração*.

Teve razão o poeta dos *Animais, nossos amigos*, quando escolheu o cão para abrir o seu lindo depoimento sôbre as qualidades que enobrecem os animais domésticos.

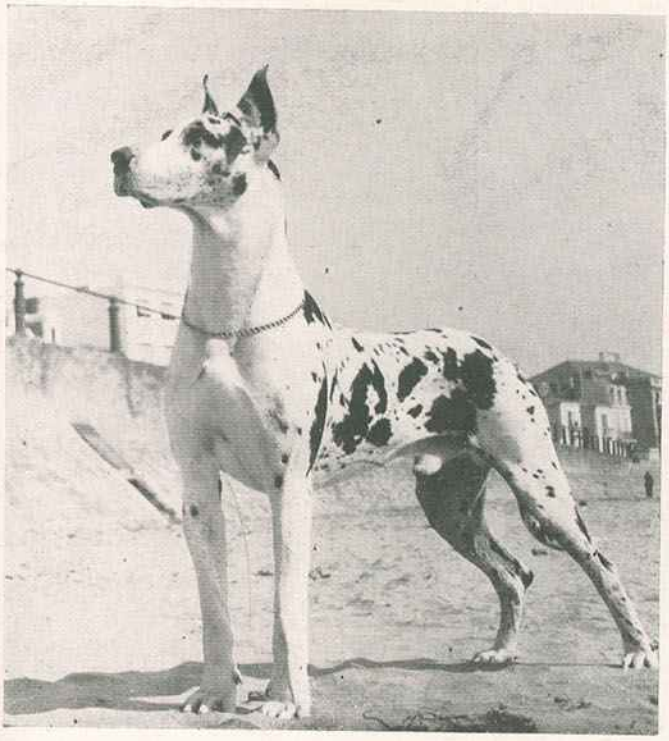
Não há decerto nenhum tão dedicado e fiel como o cão, desde o majestoso São Bernardo até ao lulu de trazer ao colo.

«Quando vem de fora a gente,
e chega a casa, é o cão
quem diz primeiro, todo prazenteiro,
saltando e rindo,
contente,
e com os olhos a brilhar de amor:
— «Ora seja bem vindo
o meu senhor!»

Com certeza, não há pintura mais sincera e verdadeira da bondade dêste dócil animal, do que mais esta, ainda de Afonso Lopes Vieira:

«Nunca viram passar,
[pelo caminho,
um céguinho
levando pela mão
o seu cão?
Que seria do cego, coitadinho,
[sem o seu guia, sem o carinho
d'aquela dedicação?

E o céguinho caminha,
[e não tropeça,
porque os seus olhos vão
[abertos na cabeça
do seu cão...»



Uma noite, ao entrar a porta de casa, vi no corredor um vulto deitado.

Era proïbido haver luz eléctrica nas casas, e tive que acender um fósforo para ver o que era.

E dei com um cão enorme, que trazia a cabeça cheia de sangue.

Levei-o comigo para cima, tratei-o e dei-lhe de comer.

O bicho olhava-me com uma ternura infinita, sem que um som saísse da sua goela.

Tive-o comigo uns dias e nunca o ouvi ladrar. Dizia-se que para fins de guerra os cães tinham sido requisitados, e que sofreram uma operação na laringe, para emudecerem, afim de não darem sinal ao inimigo da sua passagem, visto que transportavam pequenas metralhadoras.

Se é verdadeira esta versão ou se era questão de treino, não sei.

O que é certo é que nunca ladrou, nem mesmo nos seus momentos de brincadeira com o meu pequeno, o que aliás era de notar, durante a semana que o conservei.

A conselho de pessoas amigas, para me evitar qualquer dissabor, fui entregá-lo ao comando alemão, dizendo que o tinha achado.

Passado um mês, deu-se esta cena que contei no começo da minha crónica.

O *Löwe*, como trazia na coleira, e que quere dizer *Leão*, grato pelos meus cuidados e com saudades do seu companheiro de folia, não descansou, enquanto não partiu a corrente e veio ter conosco.

Tive muita pena de me separar dêle, mas fui forçada a entregá-lo de novo, se não teria de sofrer sérias represálias.

Era um cão, um pobre cão, obrigado a levar a bala que talvez fôsse matar o seu dono — um valente e simpático belga — e quem sabe, se a par da gratidão por mim, não foi essa a ideia que o obrigava a partir as correntes inimigas?

É que os animais, nossos amigos, não são apenas bons, são também inteligentes, e compreendem, e têm talvez pressentimentos como nós temos.

MERCEDES BLASCO

MISTÉRIOS DE MOSCOVO

Quem governa hoje a Rússia bolchevista?

De como Estaline se apaixonou por uma dama aristocrata que o orienta

Estaline e o seu cachimbo

Quem é Ana Vladimirovna?

Envolve-a um espesso véu de mistério que só Estaline tem o privilégio de desvendar.

Vive muito retirada numa pequena residência, propriedade do Estado, com algum confôrto, embora tenha de restringir as suas despezas a tal ponto que se vê forçada a dispensar os serviços permanentes duma criada.

É nessa modesta moradia que ela recebe o ditador vermelho, sempre que êste não prefira recebê-la no Kremlin.

Quem é Ana Vladimirovna?

Ninguem até hoje conseguiu fixar a sua verdadeira identidade. É conhecida por Ana Vladimirovna, e nada mais.

Certamente ultrapassou já os quarenta anos, mas as suas feições são de uma regularidade clássica, e os seus olhos profundos têm uma magia que atrai e subjuga.

A ficha de Estaline no tempo da polícia czarista

Possuiu uma grande fortuna, e tudo perdeu na revolução bolchevique. Arruinada, foi para Moscovo, onde a esperava uma vida de privações e pobreza. Para ganhar o pão, teve de ir trabalhar num *atelier* de modista até ao dia em que despertou a atenção do homem poderoso que se encontra à frente do govêrno de tôdas as Rússias.

A história dêsse dia é, na verdade, surpreendente.

Um mero acaso a colocou no caminho de Estaline. Diz-se que ela assomara à janela do seu quarto de costureira pobre, quando Estaline seguia a urna que continha os restos mortais de sua espôsa.

Ana, vítima como tantas outras dêsse comunismo que a expoliara, reduzindo-a à mais negra miséria, embora o odiasse do fundo da sua alma moscovita, deixou caír sôbre o féretro uma flôr com que casualmente brincava entre os seus dêdos aristocráticos. Casualmente também, Estaline presenciou o gesto, e, levantando os olhos para a janela, o olhar de ambos cruzou-se.

Desde êsse momento, o destino de Ana Vladimirovna iria sofrer profundas modificações, sem que ela o tivesse pressentido.

Dias depois, dois soldados da guarda do palácio fôram comunicar-lhe que tinha de os acompanhar.

Porquê?

Não sabiam.

Para onde?

Não o podíam dizer.

Então Ana Vladimirovna compreendeu que tôda a resistência seria inutil, e, pálida, apavorada, receando o pior, obedeceu aos enviados do ditador vermelho.

Levaram-na para o Kremlim, onde atravessou um comprido corredor que a conduziu a um salão de paredes brancas, sem móveis, onde a abandonaram.

Sôbre a única mesa que adornava aquela dependência, pendurado numa parede, via-se o retrato de Pedro, o *Grande*.

Ana Vladimirovna tremia de susto naquela medonha solidão, e quási se sentiu desfalecer quando se apercebeu de que o ditador entrava por uma pequena porta disfarçada na parede.

Estaline também se sentia perturbado ao reconhecer que a sua presença inspirava tanto pavor. Encaminhou-se para ela, e estendeu-lhe a mão afavelmente.

— Desculpe-me... — disse êle — queria agradecer-lhe pessoalmente a flôr que lançou sôbre o ataúde de minha pobre mulher... O seu gesto sensibilisou-me... Suponho que não conhecia a minha defunta...

— Tive pena da sua dôr — balbuciou ela — pareceu-me tão contristado... quis assim mostrar-lhe que compreendia a sua tristeza e que tomava parte nela...

— Obrigado... Não calcula como essa flôr me sensibilizou...

E, mudando de tom, acrescentou:

— É filha do conde de F... Sei tudo isso. Se a revolução não tivesse surgido, seria hoje a herdeira da sua enorme fortuna. Sei também que estava noiva do capitão X... que caiu morto no campo da batalha, no começo da Grande Guerra... Hoje a necessidade obriga-a a ganhar a sua vida como costureira. Estou bem informado, não é verdade?

Ana Vladimirovna, aristocrata que domina Estaline

— Absolutamente tudo verdadeiro — respondeu ela — mas não posso compreender como conseguiu estar tão bem informado.

— Na minha situação sou obrigado a saber tudo...

E, com um gesto, Estaline pediu-lhe que se sentasse. Depois de a ter fitado durante alguns momentos continuou:

— Estaria disposta a aceitar uma situação que lhe permitisse viver em melhores condições que as actuais?

— Estava — foi a resposta — mas lembro-lhe que não posso trabalhar em comum consigo nem com os seus amigos. É uma questão de princípio inabalável.

— Está bem — disse Estaline — ligeiramente melindrado e levantando-se — Queria agradecer-lhe pessoalmente... Pode retirar-se para sua casa... Qualquer decisão que eu venha a tomar, comunicar-lhar-ei...

E, após alguns segundos de hesitação:

— Se eu lhe pedisse... viria visitar-me outra vez?...

— Certamente.

— Talvez necessite de si muito em breve... Note, porém, que a sua visita não deve ser conhecida de ninguém. Peço-lhe, portanto, que guarde o mais absoluto segrêdo.

Ana Vladimirovna aquiesceu com um gesto da sua aristocrática cabeça ao pedido do senhor vermelho de tôdas as Rússias, e, em silêncio, dir-giu-se até à porta onde êle se dignou acompanhá-la.

Estaline quando usava barba

Ana seguiu então pelo extenso corredor por onde entrára, indo encontrar, a breve trecho, os mesmos dois guardas que a haviam acompanhado e a esperavam para, de novo, lhe indicarem o caminho até ao seu domicílio.

Ana pensou durante algum tempo nêste estranho episódio sem lhe encontrar a explicação. O seu instinto, porém, segredava-lhe que dêsse incidente resultaria uma modificação nas suas condições de vida. E, gradualmente, aquele homem que se lhe afigurava de aspecto medonho, tanto no físico como no moral, começava a insinuar-se no seu espírito.

Oh! as mulheres!

Até êsse momento, o nome dêsse homem — um dos algozes da sua família — era o bastante para levantar na sua alma uma onda de indignação, e agora começava a pensar nêle já sem aversão, e até com alguma simpatia!

Decorreram alguns dias e a imagem dêsse homem não se dissipava. Sentia que um poder irresistível a atraía para êle. Foi nesta disposição que recebeu um novo recado de Estaline, pedindo-lhe que o visitasse.

Esta segunda visita revestiu, de parte a parte, menos frieza que a primeira. A repulsa de Ana Vladimirovna convertera-se em simpatia.

O ditador vermelho, que tão astuciosamente se informara do passado da sua vítima, tomou a tática de mostrar-se franco a ponto de lhe relatar também alguns incidentes da sua vida miserável.

Ana ouviu-o enlevada, entusiasmando-se com a maneira como «aquele homem que tudo podia» falava de si próprio. Acreditou na declaração de amor que, por fim, Estaline lhe fizera.

Ao ouvir as palavras do ditador, chegou a esquecer-se de que êsse aventureiro sem fé nem lei, habitando com a maior sem-cerimónia o palácio de Pedro, o *Grande*, era o mesmo que ensangüentara a sua querida Rússia e espesinhara tudo o que ali existia de mais sagrado.

Ninguem sabe se as relações entre o plebeu que governa a Rússia e a mulher nascida nas mais altas camadas aristocráticas moscovitas, tomaram a suavidade dos laços do amor. Se vários factos afirmam que a felicidade dos dois foi completa, outros, porém, levam a pensar precisamente o contrário.

Sabe-se que Ana, dando largas ao seu orgulho, nada exigira de Estaline. Se a casa em que ela habita lhe foi facultada pelo ditador, é porque êste, sob as vistas dos seus fieis guardas, pode ir ali visitá-la sem que ninguém se aperceba. E, segundo se diz, para obter de Ana Vladimirovna esta concessão, foi necessário empregar repetidos rogos.

Por seu lado, o ditador vermelho nunca tentou imiscuír-se na consciência da sua amante.

A ligação de ambos, ainda que desconhecida das multidões, começa já a despertar profundas desconfianças nos antigos companheiros de Estaline, especialmente aqueles que continuam a tratá-lo pelo seu antigo nome de Zozo Djugachvili. O seu instinto leva-os a recear novas influências que o façam desviar do seu programa.

Estaline foi sempre ambicioso, e a sua ambição guindou-o acima das coisas e das circunstâncias para as dominar... Mas que caminho levaria êle agora se, por acaso, se entregasse à influência de uma mulher que provém de um meio diametralmente oposto e cujo nascimento e educação constitúem os mais irreconciliáveis inimigos do bolchevismo?

Boatos insistentes de Moscovo afirmam que os últimos actos de limpeza, que tantas vítimas causaram, se prendem à ligação de Estaline com a formosa aristocrata.

Estaline mandou executar muitos dos seus antigos companheiros, segundo se diz, porque êstes teriam feito parte de uma conjura contra a mulher sem a qual a vida se lhe tornara impossível.

Estátua que Estaline mandou fazer a si mesmo junto de Lenine

O ditador vermelho vive enlevado nela, e, no entanto, nunca houve favorita mais modesta nem que vivesse mais retirada. Nada da sua vida íntima transpira para a publicidade... Não recebe visitas... ninguem a vê. Nunca tentou conquistar simpatias, e, se alguma coisa aspira, é a viver retirada, entregue apenas ao carinho do seu grande amigo.

Deve salientar-se que sob a influência desta mulher, Estaline modificou muitas das suas antigas idéias.

Um dia, o ditador vermelho disse-lhe que não a podia desposar como era o seu mais ardente desejo, porque o seu partido nunca lhe perdoaria.

Ora, se a influência dessa insinuante mulher sôbre Estaline é tão grande, como se afirma na Rússia, certamente algum dia veremos o enigmático chefe vermelho completamente modificado.

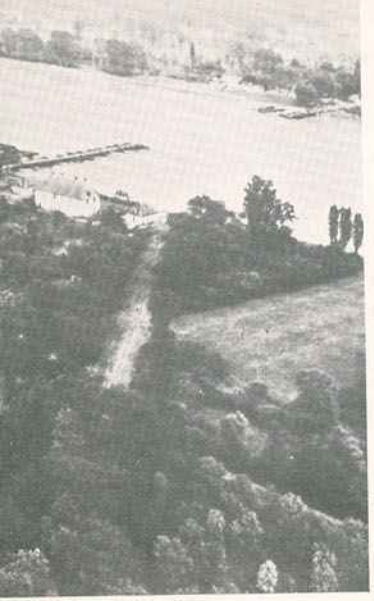
Se realmente a misteriosa mulher conseguir, algum dia, penetrar na alma do «homem sem coração», é possível que o Mundo tenha de assistir a grandes surpresas.

Qual será o fim derradeiro da união entre a mulher altamente nascida, culta e educada, com o homem brutal e primitivo nas suas relações sociais, em cuja fisionomia nunca ninguém descortinou o traço mais elementar de um sentimento humano?

ADOLFO BENARÚS.

A rua de Lubiansha em Moscovo

VISÕES DA ACUAL GUERRA



A guerra prossegue com todos os seus horrores, provando que o avanço do progresso serve para aumentar o seu poder mortífero. Antigamente, os homens batiam-se peito a peito, a descoberto, e, embora desvairados pela vitória, passassem a fio de espada grande parte dos vencidos, a carnificina não atingia nunca as proporções das provocadas hoje pelas grandes explosões.

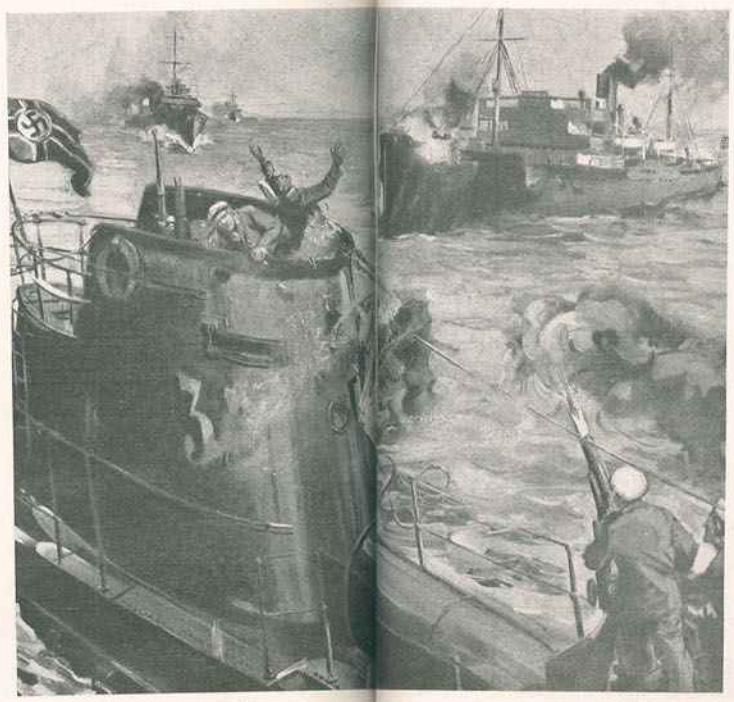
Vieram, após isso, as armaduras que amorteciam os golpes dos pesados montantes...

Onde tudo isso vai já!

A guerra de hoje, apoiada pela ciência, é mais eficaz e mais rápida.

Veja-se nesta página, alguns dos seus mais flagrantes aspectos.

A' esquerda: *Uma ponte destruída pelos franceses no Reno – Soldados franceses na manobra de carregar um dos potentes canhões de 220* – Em baixo: *Uma fortificação da Linha Maginot que defende a fronteira da França*



O último arranco de um submarino alemão metido no fundo por um destroyer inglês quando aquele se preparava para atacar um navio de carga britânico

Noutros tempos, não sendo possível evitar a guerra, havia ainda o recurso de avançar contra o inimigo, dar-lhe combate, evitando assim que êle entrasse nos seus lares a matar-lhes os pais velhinhos e os filhos no berço.

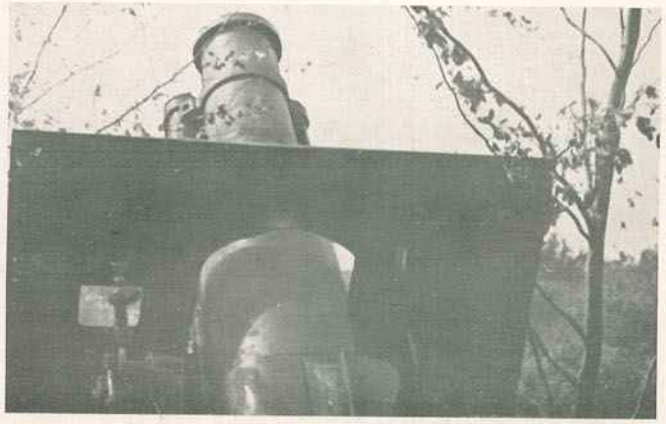
Hoje, não. O inimigo pode voar e transpor fronteiras por mais fortificadas que estejam.

A' guerra brutal do ferro e fogo, sucedeu a guerra química, mil vezes mais horrorosa.

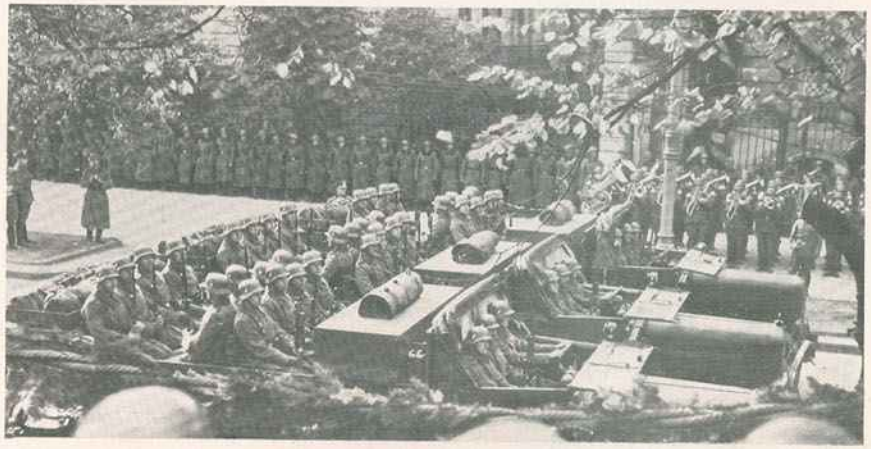
O mundo avançou, como se vê.

E, se por um lado, se planeiam ataques aéreos que vomitam gases mortíferos, por outro lado preparam-se abrigos e utilizam-se máscaras próprias para os neutralizar.

A' direita: *As dimensões de uma das granadas utilizadas na guerra de agora – Um dos canhões franceses, de 220, em posição de fogo na frente do Reno – Tropas alemãs no momento de partirem para a frente do Sarre*



A' esquerda: *A actividade sempre crescente na construção de aviões em França. Não se pára um momento, nem de noite nem de dia, valendo-se ainda da cooperação estrangeira*



Grandezas e misérias da infeliz Polónia

O FADÁRIO DOS JUDEUS

A mãe do «ghetto»

«Dans la «Rote Erde», un certain docteur Emil Sirodhoff raconte comment les juifs sont forcés de travailler par les troupes d'occupation. «Pour ces travaux, écrit il, nous nous servions avec une joie toute particulière des enfants d'Israël. Leurs prétextes futiles ne leur servaient de rien. Nous allions simplement dans une rue. Nous les rassemblions sur une place, et quiconque pensait se dérober faisait rapidement connaissance avec nous. En temps de guerre, il n'y a pas à balancer, et contre les juifs récalcitrants il y a heureusement une infinité de moyens.»

PIOROU outra vez, piora sempre, a situação dos judeus polacos. Quando tinham pátria, e viviam amarrados à terra, ao amor da terra, emparedados entre as fronteiras da Alemanha e da Rússia, privavam-nos da nacionalidade de origem, arrancando-lhes violentamente os passaportes, aumentando dest'arte a infeliz e dolorosa legião dos sem-pátria.

Hoje, ocupada e violentamente partilhada a Polónia pelos alemãis e russos, a-pesar-da defesa heróica de Varsóvia, em cujas trincheiras encontrou a morte o general judeu Bernard Mond, comandante em chefe dos exércitos de Cracóvia, e a prisão a heroína judia Beila Gelblung, lendária comandante do destacamento mixto de Brest-Litovsk, três milhões de judeus, constituindo uma comunidade rica e próspera, sofrem — ¡eternamente amarrados a um fatal destino! — a maior das torturas, a espoliação mais bárbara que a história tem contemplado.

Simon Doubnov, o grande pensador e historiador judeu, cuja obra a favor da emancipação do povo é bem conhecida de tôdas as *élites* da Europa e da América, doente pelo rude golpe que acaba de sofrer o judaísmo polaco, foco do judaísmo ortodoxo do mundo e berço de alguns dos maiores nomes de que a humanidade se orgulha, julga perdida para sempre a fonte de sabedoria, alimentada quási às ocultas nos *ghettos* destruídos da Polónia, pilhados e incendiados por russos e alemãis, caminhando de braço dado sôbre os cadáveres ainda quentes dos heróicos soldados polacos.

Como Maritain, o grande pensador

Três rabbis milagrosos, vendo-se o primeiro da esquerda (Rabbi Aschkenuzi) que pertence à dinastia Sopher

católico que, tendo um dia de escolher entre Deus e Bergson, optou por Deus, — suprema homenagem ao génio de Bergson, o grande filósofo francês que completou agora os oitenta anos —, esqueço nesta hora decisiva todos os agravos cometidos por alguns dos maus políticos polacos, as suas hesitações e dúvidas, para ter ùnicamente presente o povo, cuja histologia étnica é totalmente diferente da dos chefes, seu martírio através da história acidentada, a Polónia invadida e partilhada tantas vezes por alemãis, russos e austríacos.

Tudo esqueço. A heróica defesa de Varsóvia, o martírio da cidade santa, a luta sustentada no corredor polaco, a loucura desvairada e heróica de duas ou três fortalezas que resistiram até o último momento, estão de acôrdo — para quem um dia se debruçou sôbre a história da Polónia infeliz — com as tradições lendárias e o combate que o povo polaco tem sustendado para a conquista e manutenção da liberdade e independência.

Na gigantesca luta para a defesa de Varsóvia, de Lwow, de Lodz, de Lublin, do Corredor, de Dantzig, colaboraram judeus e polacos, unidos pelo mesmo ideal, pela mesma crença essencial.

Blajez Pryster, cujo testemunho está

Dr. Leon Pinsker

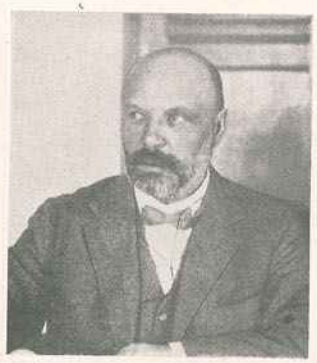
acima de tôdas as dúvidas, conhecido em tôda a Polónia pela sua pouca simpatia pelos judeus, rendeu ùltimamente homenagem à população judaica da Polónia, que se mostrou durante a luta, e sempre nas horas de perigo, de «uma nítida compreensão pelos seus deveres

Vladimir Jabotinsky

Dr. Chaim Weizmann

cívicos e de uma coragem digna da história agitada da Polónia.»

São consoladoras estas palavras, quando a nossa memória nos recorda que a própria mulher de Pryster, depu-



Menachem Ussishkin

tada no *Seym*, era conhecida pelos seus violentos e encarniçados ataques contra os pobres habitantes dos *ghettos*, vítimas inocentes da propaganda racista e das especulações nazis.

Outro testemunho insuspeito, a-pesar-de tardio, é o do actual Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Zaleski: «Todos os que me conhecem sabem quais são as minhas opiniões a respeito do povo judeu. Quando há anos fui Ministro, nunca estabeleci diferença entre judeus e polacos. Os judeus polacos sofreram as mesmas dores, as mesmas privações. Não consentirei que se retire a nacionalidade polaca a nenhum judeu. Telegrafei já a tôdas as Embaixadas, Legações e Consulados ordenando a entrega de passaportes a todos os judeus nascidos na Polónia. «Je ferai ainsi redresser toutes les injustices qui auraient pu être commises».

Eu acredito no destino dos povos e dos indivíduos, na justiça de Deus e, algumas vezes, na dos homens.

Tenho fé, acredito. A fé, esta fé inabalável que caracteriza e ordena tôda a minha vida, ficou-me de criança, do exemplo dos outros que a morte arrumou há muito.

A crença na justiça e na verdade é feita de experiência, a experiência que a vida me dá cotidianamente de ver apear os injustos, os imbecis ou os maus, os quais pautam a consciência alheia pela própria, e mercê de terem a idéia do balcão e da moeda gravada no sub-consciente — ¡tão ávidos são de balcão e moeda! —, julgam ver receber os outros aquilo que anseiam, e esperam, e nunca alcançam.

Pobres judeus polacos! Pobres polacos! Varsóvia, a-pesar-das palavras do prof. Simon Doubnow «les juifs polonais se trouvant dans les régions occupées par l'armée rouge doivent être considérés comme perdus pour le peuple juif», a defesa heróica de Varsóvia empresta-me a certeza da vitória final.

O judaísmo polaco, a Polónia inteira, ensangüentada e de luto, tem os olhos fixos no seu novo santo e mártir, o Grã-Rabino de Varsóvia, o Prof. e Senador dr. Moschè Schor, 1874-1939, fuzilado pelos bárbaros na tarde da entrada na cidade em chamas.

Baldados fôram os esforços do Presidente da República, do Govêrno, dos Senadores e Professores, do Estado Maior: o rabino Moschè Schor, herói e mártir, mixto de santo e guerreiro, não acedeu ao pedido que lhe foi dirigido.

— «Fico. Não abandono a cidade. O meu destino está ligado ao do meu povo. Emquanto Varsóvia tiver um judeu, estarei a seu lado, lutando pela independência».

Declinou todos os convites. Os invasores encontraram-no fàcilmente no seu pôsto, agarrado à terra, lutando pelo amor da terra onde nasceu e sofreu os maiores vexames. Ficou, ficou para sempre.

Preso, condenado sem julgamento, fuzilaram-no. O Grã-Rabino Moschè Schor, cuja vida foi um exemplo nobilíssimo, morreu no seu pôsto para encher de glória o pobre *ghetto* polaco, Israel na Polónia, esquecendo no instante supremo as incertezas e as vissicitudes dos maus políticos, lembrando-se no derradeiro momento, emquanto duas lágrimas rolando silenciosamente perdoavam aos algozes, ùnicamente Deus

Um vendedor de livros judaicos

e a Polónia, pátria e Deus, estampados e unidos para a eternidade nos lábios frios do Homem e do Santo.

Israel na Polónia, a tragédia do judaísmo polaco, obriga-nos a esquecer palavras repassadas de dor que certos políticos e determinadas atitudes nos obrigaram a escrever.

Na recordação da vida e morte do Rabi Moschè Schor, cujo corpo se perdeu para sempre na vala comum, entre os heróis ignorados da Polónia, o judaísmo polaco, combatido e perseguido em tôda a parte, viverá para sempre, para sempre até à Eternidade.

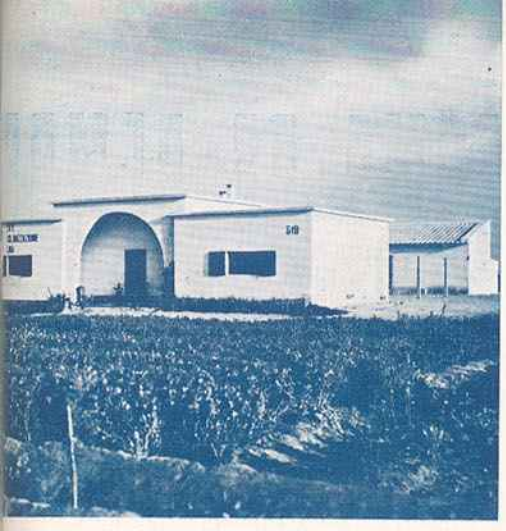
AUGUSTO D'ESAGUY.

A sorte dos judeus polacos piorou outra vez, piora sempre...

CENTENÁRIO DE JÚLIO DENIZ

No Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho foi comemorado o centenário de Júlio Deniz, tendo as alunas interpretado interessantes quadros de alguns dos romances do saüdoso escritor. *Em cima:* Uma cena das *Pupilas do Senhor Reitor.* — *Ao centro:* Uma cena da *Morgadinha dos Canaviais.* — *Em baixo:* Algumas das alunas que tanto contribuiram para o brilhantismo desta festa

A COLONIZAÇÃO ITALIANA NA LÍBIA



Tipo das casas para colonos na Líbia

A Itália continua a pôr em prática o ciclo de colonização demográfica intensiva na Líbia.

No dia 28 do mês findo seguiu para ali o segundo contingente de 20 mil trabalhadores italianos que empregarão as suas energias na luta contra as adversidades da natureza e redimirão esses vastos terrenos áridos e votados ao abandono de tantos séculos, consagrando-os à produção.

Enquanto o Mundo se preocupa numa luta terrível, interrompendo as iniciativas que implicam um certo arrôjo, na Líbia italiana trabalha-se, num ritmo crescente, para os fins da valorização agrícola.

Tanto na organização do trabalho, como na preparação das obras, as autoridades competentes souberam aproveitar agora as valiosas experiências feitas, há um ano, por ocasião do primeiro ciclo de colonização, conseguindo obter todos os melhoramentos possíveis, não só nas condições de residência para os novos colonos, como nas de trabalho que lhes sejam mais favoraveis.

O programa da colonização estabelece a instalação de oito novas zonas agrícolas nacionais, sem contar as numerosas ampliações que serão praticadas nas povoações rurais inauguradas no ano passado.

Surgirão a povoação «Mameli» na Cirenaica, na zona Slonta, a povoação «Sauro» na zona de Mnehela, e a povoação «Filzi» na zona do El Amer.

Além da fundação dêstes novos centros rurais, foram ampliadas as zonas agrícolas que tomaram os nomes de Battisti, Razza, D'Annunzio, Oberdan, Maddalena e Baracca. O «Ente pro Colonização da Líbia» construirá um total de 568 casas. Acrescentam-se a estas numerosas casas, com relativas quintas, cuja construção e instalação ficará a cargo de concessionários particulares ou de Institutos e Sociedades.

Na Tripolitania ficarão cinco novos ceutros nacionais: a povoação «Marconi» na zona de Gars-Daun; a povoação "Micca„ a leste de "Giordani„; a povoação "Tazzoli„ na zona de "Corradini„ na zona de Gars El Chiar (Fonduk Nagaza). Todas essas povoações surgirão na zona que é de competência do Instituto Nacional Fascista de Previdência Social, o qual se encarregará também da construção de um nucleo de 50 quintas na zona de Gars Garabulli. Além disto, serão construídas outras 50 casas na povoação "Geordani„, que foi inaugurada no ano passado.

O Ente pro colonização da Líbia tem a seu cargo a instalação da aldeia "Garibaldi„, situada na zona que se estende entre Zliten e Misurata, com um total de 300 propriedades agricolas. A referida aldeia constituirá um dos centros de colonização mais importantes da Líbia.

O número de casas que serão construidas pelo referido Ente e pelo Instituto Nacional Fascista de Previdência Social, na Tripolitania calcula-se num total de 883. A estas devemos acrescentar as que se devem á iniciativa de agricultores particulares e de sociedades concessionárias.

Um importante sistêma rodoviário, estabelecerá as comunicações entre as diversas propriedades, como entre entre estas e os centros rurais, os quais, por sua vez, serão ligados às grandes artérias de comunicação.

O nucleo central de cada aldeia rural, — como os das zonas agricolas inauguradas no ano passado — será constituído da: Casa do Fascio, da Delegação Municipal, da Casa da hospitalidade fascista, da residência do médico e da obstétrica, da repartição dos Correios e Telégrafos, oficinas para artezãos, de armazens, do mercado coberto, da escola tendo anexa a residência dos professores, o quartel dos Carabineiros Reais, depósitos para a armazenagem dos produtos, de casa do sôbre-intendente da zona.

Além das escolas que formam parte integrante dos centros agricolas, serão construídas numerosas escolas menores, nas proximidades de cada região agrícola, para que as crianças possam receber instrução, sem ser necessário percorrer grandes distâncias para chegar à escola.

Acompanham os trabalhos de preparação das casas e terrenos, um conjunto de Obras de utilidade pública, que completa harmónicamente a obra de valorização das zonas agricola: replantação dos bosques para evitar que nos primeiros tempos, as dunas possam prejudicar o cultivo das zonas mais expostas; barragens para proteger as quintas contra os ventos; organização de desembarcadoiros e abrigos costeiros; aquedutos, cisternas, instalações eléctricas, linhas telegráficas e telefónicas, estradas, canais, numerosos poços. Tôdas estas obras, concorrerão como dissemos acima, para melhorar as condições de existência para os colonos.

Enfim, o programa desta grande valorização agrícola na Líbia, levou tambem em consideração as possibilidades que poderão proporcionar ao elemento muçulmano nativo as condições mais favoráveis para trabalhar e prosperar.

As caracteristicas apresentadas pelas zonas de colonização muçulmana da Cirenaica, variam segundo a situação, das referidas zonas, seja no Gebel, na planície ou na Costa. As localidades escolhidas já eram objecto de exploração, sob o ponto de vista agricola e pastoril, da parte dos que já viviam no lugar. Ao fundaram-se as aldeias e ao instalarem-se as quintas, constituiram-se outros centros em torno dos quais gravitará o desenvolvimento das zonas respectivas, as quais por sua natureza como pela seleção expontânea da população, estão destinadas a alcançar o mais próspero desenvolvimento.

As zonas de colonização muçulmana da Tripolitânia serão inteiramente novas, como as zonas de colonização nacional. A aldeia de Mahmura situada entre Binahci e a estrada costeira da Líbia, numa zona onde há abundância de águas, contará perto de cem propriedades agricolas muçulmanas. Cada propriedade terá uma extenção que pode ser trabalhada e cultivada por uma família muçulmana, podendo recorrer ao trabalho de estranhos. Será dotada de um poço e de uma casa rural, um verdadeiro mimo nêsse género.

A aldeia Nahina, que se está construindo na zona costeira, nas proximidades de Zliten, terá mais ou menos as mesmas características. Enquanto que as propriedades rurais que a rodeiam (muçulmanas naturalmente), serão em número de oitenta.

Todos êstes são exemplos expressivos das batalhas preferidas pela Itália: lutas contra a natureza pobre ou em estado de abandono, a-fim-de dar terras ao cultivo.

Um aspecto da colonização na Líbia

COMO AS ALMAS BOAS SE VINGAM

Era uma casa grande e cinzenta de largas janelas e repousado aspecto; uma dessas moradias rodeadas de jardins que, apesar de abrigarem inquilinos vários, não têm a confusão e promiscuidade dos outros prédios. Está situada numa rua de arrabalde, onde só chega, confusamente, como onda sonora e distante, o barulho da cidade, e em que as aves cantam melhor e o sol brilha mais claro. No jardim, entre os canteiros, correm crianças brincando. Uma delas, um rapazito bochechudo e loiro, monta um enorme cavalo de pasta em que os outros batem, no intuito de o fazer andar. São cinco ao todo. Cinco diabrêtes que se propuseram gozar bem o seu domingo e que fazem uma algazarra atroadora. São todos novinhos; nenhum terá ainda dez anos... E o dono da casa é o loirito que imóvel na sua montada, se conserva indiferente aos gritos e empurrões dos companheiros, comendo, pachorrento, uma fatia de pão, borrada de manteiga. Os outros são amigos e vizinhos, que tôdas as tardes ali se reünem, após as horas fatigantes do colégio. Já fizeram marchas, combóios, ataques de piratas, e até combates navais no pequeno tanque rodeado de velhas conchas, que contém a água destinada às regas.

O prédio é de três andares e, no último — pequena água furtada, cuja janela se abre sôbre o telhado vermelho — habita um garotito doente.

É filho duma pobre mulher a dias, uma dessas heróicas e resignadas criaturas que moirejam sempre longe dos seus, negando-lhes vigilância e cuidado para lhes poderem trazer, quando regressam a casa, exáustas do trabalho, uns restos de comida e uns cobresitos escassos.

Logo muito cêdo, a mãe o lava e prepara. Ergue-o da caminha com cuidado, não vá magoar-lhe a perna que um tumôr feio paraliza e tortura. E, porque o médico da consulta aconselhou bom ar e repouso, senta-o pertinho da janela que dá para o nascente, em que bate o primeiro ráio de sol e donde êle pode avistar quem passa e ouvir cantar os passarinhos. Põe-lhe ao pé a tigela de sôpas e todos os brinquedos que possue. Um velho carrinho já sem rodas, um palhaço muito roto e desbotado e um cavalinho minúsculo que êle adora, mas que, às vezes, contempla triste, comparando-o com o belo cavalo de esplêndidos arreios e magnífico porte, com que brincam, às tardes, no jardim, os meninos dos outros andares. Tôda a manhã encostado ao parapeito, êle que, para se distraír, tem apenas êsses velhos bonitos, e os movimentos dos seus bracinhos magros, procura organizar brincadeiras que lhe dêm a sensação de que é igual aos que, lá em baixo, costumam folgar e divertir-se. Às vezes pára e fica suspenso... Um jeito de enfado na facesinha triste, uma sombra de pesar nos olhos vagos que fitam, sem o vêr, o horizonte distante... Mas, à tarde, mal sôam no saibro os passos dos garotos, tudo lhe passa, e debruça-se, interessado, seguindo-lhes os folguedos, a boquita entreaberta, o olhar iluminado, numa expressão de entusiasmo e alegria.

Já se resignou àquelas aborrecidas manhãs de isolamento, só na esperança de os vêr aparecer e poder rir e emocionar-se com os seus divertimentos. Por isso nessa tarde de domingo, lá assomava o rostinho animado e contente entre as roupas velhinhas, que a mãe, inda noite, lavara e que, postas a secar, flutuavam ao vento. Cá em baixo continuava a gritaria.

Desesperados com a fleugma do companheiro, tinham cessado de lhe bater e atiravam-lhe calhaus e mancheias de terra, até que êle, impaciente, resolveu defender-se, e em breve, cavalo, cavaleiro e atacantes, formavam um estreito grupo que rolava, unido pelo solo. Naquela luta sem tréguas, foi o cavalo a maior vítima. Jazia no chão amachucado e sujo debaixo das cinco crianças que, no furor da contenda nem se lembravam da sua existência. Soou de repente uma exclamação aflita, e, como nenhum dêles a soltára, estacaram, entreolhando-se surpresos. Foi então que avistaram o vizinho, tendo no semblante expressão de tamanha mágoa que se sentiram impressionados.

— Eh, pá, que te aconteceu, miúdo? — interrogou um dêles.

A criança baixava os olhos, envergonhada já daquela expansão...

E só pôde balbuciar, numa voz cheia de timidez e pranto:

— E' que... Faz tanta pena o cavalinho!...

Um dos mais velhitos concordou gravemente, as mãos atrás das costas, contemplando o *bicho*, ainda há pouco branco e reluzente e agora deitado por terra, os flancos arranhados e o ventre aberto como qualquer misera *faca* em dia de *toiros*:

— Olhem que o miúdo tem razão!

— Pois sim, mas agora já não presta, — retorquiu o dono, aquele loirito cuja placidez motivara o desastre.

Mas, de súbito, uma ideia parece atravessar-lhe o cérebro.

— Ouve lá — disse — *qué-lo* tu para ti?

A criança empalideceu de comoção e, juntando as mãositas, que tinha firmadas no parapeito, respondeu:

— Se quero! Quem mo dera a mim.

— Tá bem! Lá por isso não ha de ser a dúvida. Anda cá baixo que eu dou-t'o.

— Não posso — gemeu a criança — a minha mãe levou a chave e eu tenho a perna doente.

— E' verdade; ele não pode... — confirmaram os outros.

— Talvez um cordel, se houvesse — dizia ele — Ah! esperem... eu tenho!... eu tenho!...

E, num alvorôço, esquecido das dôres, galvanizado, desceu da cadeira, arrastou-se até ao sítio onde sabia que a mãe guardava velhos cordeis onde ia pendurando a roupa. A volta foi dolorosa, quási impossível. Tropeçou e caiu vêzes sem conto. Por fim, a suar de fadiga conseguiu instalar-se de novo, e, muito debruçado, triunfante, atirou-lhes enfim a extremidade do cordão, conservando a outra nas mãositas cerradas.

Procederam então á tarefa de atar o cavalo pelo ventre.

— Tu não podes puxar... não tens fôrça...

— Tenho, sim; vão ver que tenho...

E, num grande esfôrço, cerrava os dentes...

Mas um dos pequenos, que se conservara afastado, aproximou-se de mansinho, e, agarrando o cavalo, num movimento brusco, puxou-o, arrancando o fio das mãos da criança, e, erguendo o brinquedo nos braços, atirou-o para dentro do tanque. O cartão, já rôto, encheu-se de água e foi logo ao fundo, espalhando tintas á superfície.

Passado o primeiro espanto, as crianças riam, acabando por achar graça à partida... Mas ouviu-se, lá cima, um grito agudíssimo. O pequeno erguera-se tremendo, pálido de morte, olhos muito abertos, numa visagem de louco.

Depois deixou-se cair, batendo com a cabeça no parapeito, as mãos enclavinhadas na carne, o corpinho franzino sacudido por convulsivo chôro, numa crise de dôr confrangedôra — a dôr de vêr aniquilado o seu mais querido sonho.

Os outros olhavam-no e, impressionados, emmudeciam...

Por fim, um disse, increpando o autor da maldade:

— Fôste bruto!... Coitado do miúdo. E ele, repuxando num sorriso o gilvaz enorme, que lhe sulcava a face macilenta:

— Vocês é que são palermas. Deixem-no!... O diabo do maricas!...

Então o misero, erguendo o rosto transtornado, gritou lhe num ímpeto, esquecendo hierarquias, de punhos cerrados, ameaçador, odiento:

— Cão!... Malandro!... Hás-de pagar-mas, verás!

*

* *

Anos passaram, e a guerra, implacável, surgiu. Sob a mesma bandeira e no mesmo solo, os homens extremaram campos, tornando-se inimigos. Já nada os pôde deter. Filhos de uma só Pátria, arrasta-os a trágica vertigem. Campos devastados, cidades destruídas, homens agonizantes. Angustioso calvário de sempre! E dentre o turbilhão de coisas más, hediondas, actos de abnegação, feitos de heroísmo.

Sob o frouxo indeciso clarão do luar nascente, alguns homens avançam, cautelosos, na desolada solidão da campina. É uma patrulha que regressa, depois de um perigoso reconhecimento. Trazem consigo um ferido. É um inimigo que encontraram sôbre a estrada, vítima talvez da última refrega. Estão perto. Na escuridão êles adivinham o pulsar dos corações amigos. Abriu-se uma porta com tão manso ruído que só a sua ansiedade o pressentiu. Trocam palavras, muito baixo. Estenderam o ferido num fôfo monte de palha que um velho capote recobre. Estão abrigados na cozinha de uma desconfortável casa aldeã, e apressam-se a pôr mais um toro na lareira, para reanimar o pobresinho. Deram-lhe devagar uns goles de aguardente. Na vasta quadra amontoam-se alguns homens. Os mais fracos, extenuados, adormeceram. Os outros velam ainda e contemplam apiedados o inimigo, que a sua lealdade protege. Êle está de costas, respirando a custo. O seu perfil angustioso recorta-se pálido, na luz da fogueira. Contorna-lhe a fronte uma cicatriz profunda. Abriu os olhos vermelhos de febre; e os lábios secos, ardentes, demandam água, numa súplica:

— Por favor, dêem-me de beber...

Os homens olham-no pezaroso, porque ali a água tem escasseado sempre. Então o sargento, que dormita a um canto, ergue-se e pregunta:

— Qual de vocês tem água para dar a êste homem?

E um lembra de repente:

— O 34... Êle há bocadinho tinha água... Eh! 34!... Vai dar água ao homem.

Um moço franzino que acordara em sobressalto, ergueu-se aborrecido:

— Eh! rapazes, vocês são *cravas*. Quem na quiser beber, que vá por ela, como eu...

— Cala-te lá, ó tu; não vês que é para um ferido?

— Isso agora é outra coisa...

E, encaminhando-se para o prisioneiro, estendeu-lhe pronto a cantina. Êle procurava agarra-la impaciente, numa ânsia sôfrega de beber... Do gargalo à bôca não ia mais do que o espaço dum segundo... Mas alteou-se a chama, iluminando-o, e a cicatriz avultou-lhe na fronte, prendendo a atenção do rapaz... Curvou-se para ver melhor, e logo recuou num salto, arrancando-lhe das mãos a cantina.

— Grande patife, és tu então?

O ferido, atordoado, fixou-o. E êle, tremendo de raiva, o olhar em fogo, continuava increpando-o:

— Querias que te matasse a sêde? Bebe fogo, se quizeres!... Que eu conhecia-te nem que fôsse no inferno. Não te jurei que me havia de vingar?

Tôda a mágoa represada, todo o antigo sofrimento, gravado na sua alma de criança, explodiam agora, dando-lhe instintos de feras.

O outro, sem entender, na modorra da febre, repetia impaciente:

— Água... água... por caridade!... Quero beber...

Então o sargento admoestou, severo:

— Que é isso, 34? Repara que és soldado; e o dever do soldado quando o inimigo está ferido e prisioneiro, é acudir-lhe.

Ouvindo aquelas palavras, o moço estremeceu. Por momentos se conservou imóvel e sombrio, como se uma grande luta interior o dominasse. Depois, serenando-lhe o rosto a pouco e pouco, balbuciou:

— Tem razão, meu primeiro... Não era bonito... Não podia ser...

E para o outro, numa última represália:

— Toma lá... O que te vale é estares ferido e seres dos contrários, porque senão!...

E atirou-lhe a cantina.

Esther Corte-Real

UM VELHO SOLAR
MORADIA DUM POETA

Não há província como o Minho para possuir velhos solares, onde vive a tradição fidalga do velho Portugal. Solares que são a história do próprio país nas lendas que aí nasceram, nos nobres que deles sairam e se ilustraram em feitos gloriosos, que são no passado, o orgulho de todos os portugueses.

Nalguns vive ainda a poesia, o talento e o génio, que são a aristocracia, que mais engrandece o homem, porque pelo espírito o coloca acima da multidão e o faz refulgir como astro em noite escura sem luar.

E' o que se dá no Solar de Belinho. Na estrada da Póvoa de Varzim para Viana do Castelo, essa linda estrada de onde se avista sempre o mar dum lado e do outro é acompanhado por verdes campos e casas aldeães, essas lindas casas do Minho, encontra-se a aldeia de S. Paio de Antas, na própria aldeia sai uma estrada que contornando o alto muro da quinta, nos leva ao suntuoso portão brazonado da Quinta de Belinho. Portão guarnecido por uma alta trepadeira que modestamente, envolve como que a velá-lo, o brazão de armas dos senhores da Casa.

E' ali que vive um dos maiores poetas do nosso tempo, poeta nacional, que nos seus versos admiráveis, faz viver todo o sentimento dum povo poético e que êle na sua compreensão sabe elevar ao alto, muito alto todos os espíritos que compreendem os seus versos e os sabem sentir com uma alma bem portuguesa.

Mas não nos precipitemos e vejamos primeiro como é a morada dum poeta.

Belinho com a sua tradição única fôra destinada para ser o berço da mais bela poesia portuguesa.

Casa antiga de nobres fidalgos nela viviam duas encantadoras senhoras de espírito ilustrado, elegância requintada e alma cheia de caridade, espalhando à volta da sua residência os primores do seu coração, dando aos pobres o pão e tratando com as suas delicadas mãos as mais repugnantes feridas dos doentes que as procuravam.

Eram essas senhoras: D. Maria Adelaide de Sotto Maior Abreu Gouveia e sua irmã D. Maria Cândida.

António Correia de Oliveira o poeta nascido na Beira, coração ardente e talento duma sensibilidade rara ao conhecer a senhora D. Maria Adelaide escolheu-a para sua companheira na vida e estabeleceu a sua residência em Belinho.

Era a companheira de que precisava o seu génio e a sua lira poética e lá o diz nos seus «Dizeres do povo»:

Quem dá o que tem no mundo,
Vem a pedir — diz a gente.
Meu Amor, dei-te a minha alma:
Não a peço novamente.

E assim o encantador solar de Belinho tornou-se a vivenda do Poeta, e nas suas «Cartas em verso» lá nos diz na «Carta da Montanha»:

Perdôa... Sabes o amor
Em que tenho esse cantinho
Esparso mundo, ao redor,
Que reticencia! O melhor
Ponto final, é Belinho.

Entre pâmpanos e milhos
Fecundo chão, terno e austero,
Anda o Senhor nos seus trilhos
— Oh berço dos nossos filhos!
Campa dos teus que venero.

E ali, nessa grande casa antiga, entre rosas, em frente o mar grandioso que das janelas se avista de Ancora e Espozende, por traz o jardim a que não falta a água cantante dum repucho que se destaca na ramaria alta das árvores seculares entre as quais branqueja a alva capelinha onde se erguem as preces ao Senhor e onde brilha sempre em frente ao Santíssimo a lâmpada da mais viva Fé.

E alí sob cortinados vermelhos, floridos sempre, os sepulcros dos donos da velha casa, antepassados das senhoras que alí nasceram.

A moradia dum poeta é sempre um santuário, mas naquela tudo se junta para que a poesia viva e arda em levantados fachos que iluminam a literatura nacional.

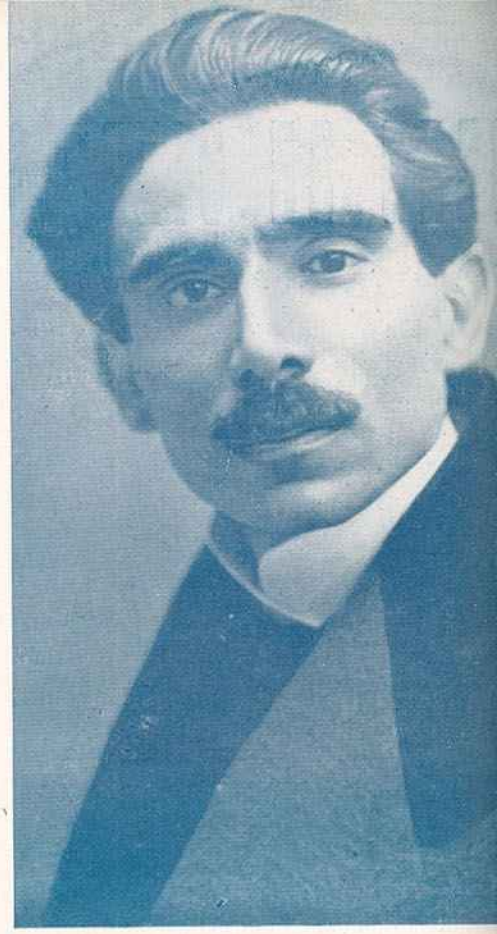
Recebidos todos os que ali entram com fidalga gentileza e o mais simpático acolhimento sentimo-nos num ambiente superior, que a lhaneza dos seus habitantes põe ao alcance de todos os mortais, na comoda sala de estar de Belinho, em que um lindo retrato da Senhora D. Maria Adelaide, pelo lápis adorável de António Carneiro, põe uma luminosa nota de arte, no meio do severo mobiliário. Pelas janelas entram as flores e as ramarias verdes das árvores.

É alí a morada da poesia. Dum lado, o mar, e do outro lado, a montanha pedregosa extranha no alto, que os moinhos corôam; verde e arborisada em baixo. Do outro lado, o monte do Castelo do Neiva onde nos parece vêr ainda muralhas dum castelo, e sempre o mar espelhando as suas águas nos dias lindos de sol, rugindo negro e embravecido nos dias de temporal, envolvendo-se em neblinas e nevoeiros num coquetismo como de mulher bonita, o mar que com a sua vizinhança, tortura os nervos do poeta como pode torturar um carrasco, são duma sensibilidade doentia os nervos dos poetas que tudo sentem na alma.

Mas do sofrimento nasce a Arte e a Beleza e quanto não tem contribuído êsse áspero mar da costa norte, para arrancar ao génio do poeta, as pedras preciosas dos seus versos.

Que lá está o verde das ramarias, a água cantante que corre em fios de prata pelo monte, o perfume das roseiras em flor, acarinhando a sensibilidade do Artista, consolando-o dos rudes ataques do mar bravío.

Belinho, a encantadora residencia do poeta, proporcionou-me uma deliciosa tarde êste verão. O acolhimento amigo de Maria Candida e de seu marido o escritor tão conhecido João Correia de Oliveira, irmão do poeta, a simpatia indescritivel da dona da casa e de seus filhos e a amabilidade simples do poeta, que junto da humanidade simples se torna caridosamente tão simples também.



Horas dum convívio agradabilissimo e que não esquecem e ao cair duma tarde de verão em que a neblina se levantava do mar, saí de Belinho com saudades dessa moradia que durante anos se preparára para receber o poeta.

E alí nessa Natureza grandiosa, o seu espírito de Crente se eleva em poesia ardente e dum patriotismo enternecedor.

Diz-nos o seu espírito superior na sua carta «Em louvor dos Livros Santos»:

Ah! se a Arte, além do estilo,
Pode, em alma, ser aquilo
Da voz além da garganta:
— Onde viu, onde aprendeu
Mais Homem, mais Terra e Céu,
Do que na Escritura Santa?

A religiosidade dos seus versos sentimo-la na Natureza que o rodeia, na casa em que vive, sentimo-la nos seus versos. É o poeta da nacionalidade, do sentimentalismo da alma portuguêsa que é feita de Fé, de sentimento e de ternura.

Correia de Oliveira sente a alma do nosso povo, vibra com ela, levanta-a do chão e eleva-a ao Céu na sua poesia tão sã e tão nobre.

Lâmpada és tu: de oiro? bronze?
Barro humilde? — Tanto faz!
Deus não vê oiros; espreita
A luzinha em que arderás.

E a luz da sua poesia apesar de tão simples e tão chã, que poderia arder; nalgumas das suas quadras, em lâmpada de barro, arde no conjunto da sua obra, em lâmpada de oiro, cravejada de brilhantes, de safiras, esmeraldas e rubis.

E assim o nobre solar de Belinho é enobrecido mais ainda pela aureola de poesia que circunda o poeta que é uma glória nacional.

A beleza do seu arvoredo, à limpidez das suas águas, à graça e à elegancia das suas salas, à grandiosidade da paisagem junta o fulgor que dá à sua moradia o génio dum poeta.

Belinho na linda paisagem minhota é por todos os motivos um lugar de encanto, que enternece todos os que amam a Arte no que ela tem de mais elevado e sublime e que tem a felicidade de conhecer a morada do grande poeta.

MARIA DE EÇA.

VIDA ELEGANTE

Diplomatas

O sr. Ministro da Roménia, ofereceu no salão de mesa do Palácio Hotel do Estoril, um jantar a que foram convivas Lord Selby, Embaixador de Inglaterra e Lady Selby; Francesco Giorgio Mameli, Ministro de Itália e senhora de Mameli; Ministro da Hungria, Adido Militar da Roménia, Capitão Mário Carvalho Nunes, Michel Camarachesco, primeiro secretário da Legação da Roménia, e J. Ursesco.

Salões

Festejando o aniversário natalício de seu filho António, ofereceram a sr.ª D. Milene de Lima Mayer e o sr. António de Lima Mayer, no salão de mesa do Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, um chá a várias pessoas das suas relações mais íntimas, tendo assistido as sr.as Condessa do Cartaxo, D Cristina Resende da Silva, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Luiza de Melo Ulrich, D. Amélia Resende da Silva de Melo, D. Octávia Fuschini de Lima Mayer. D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Helena de Lima Mayer Corrêa Henriques, D. Marta Mayer da Câmara Pina, D. Sara Hogan, D. Maria Luiza de Melo, D. Rita de Lima Mayer e D. Cristina de Melo, e os srs. Dr. Hogan, Frederico Corrêa Henriques (Seisal), Tenente Luiz da Câmara Pina, e Frederico de Carvalho.

Jantares

A sr.ª D. Maria Laura Soares Corrêa Magno Rodrigues e o sr. Alberto Magno Rodrigues, ofereceram no salão de mesa do Palácio Hotel, do Estoril, um jantar íntimo a que foram convivas Ministro do México, Ministro da Hungria, Marquez de Villaurrutia, Condessa de Ponse de Leon, Fernando Ferreira Pinto Basto e D. Maria de Pilar Soto Maior Pinto Basto; D. Ida Burnay de Guimarães Serodio, Gil Ferteul e senhora de Ferteul; D. Margot Topete, Joseph James Pettey e senhora de Pettey; D. Maria Eliza Basset, Francisco de Vasconcelos e senhora de Vasconcelos, D. Maria Eugénia Basset, e António Eça de Queiroz.

Casamentos

Celebrou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, presidido pelo reverendo Valério Cordeiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Henriqueta Braga Santos Benard Guedes gentil filha da sr.ª D. Maria de Santana Braga Santos Benard Guedes e do ilustre médico radiologista sr. Dr. Francisco Benard Guedes, com seu primo o sr. Frederico Manuel Ferreira Braga Paixão, distinto oficial do exército, filho da sr.ª D. Maria da Glória Ferreira Braga Paixão e do sr. Dr. Vítor Manuel Braga Paixão, alto funcionário, actualmente em Africa.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo, sr.ª D. Maria Alves Paixão, e padrinhos o pai da noiva e o primo do noivo sr. Antonio Teixeira Ferreira, inspector de finanças.

Terminada a cerimonia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, à Avenida Almirante Reis, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artisticas e valiosas prendas.

— Presidido pelo reverendo Conego Damasceno Fiadeiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora de Fatima, o casamento da sr.ª D. Maria da Luz Gouveia, com o sr. Dr. Amadeu Antunes Vieira.

Serviram de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Ana Carraco Gouveia e a mãe do noivo sr.ª D. Maria Antonia Dias Vieira e de padrinhos o tio da noiva tenente sr. Francisco Augusto Gouveia e o pai do noivo sr. Raul Vieira, antigo diretor da Associação Comercial de Lisboa.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia dos pais do noivo, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de valiosas e artisticas prendas.

— Na igreja do Convento da Arrabida, celebrou-se o casamento da sr.ª Dr.ª D. Maria Emilia de Castro Costa, gentil filha da sr.ª D. Fausta de Castro Neves Costa e do ilustre advogado sr. Dr. Mauricio Costa, já falecido, com o distinto engenheiro sr. José Pedro de Campos Pereira, diretor dos serviços aferiais da Casa da Moeda, filho da sr.ª D Mariana de Campos Pereira, e do falecido publicista e inspector geral dos fosforos, sr. José de Campos Pereira.

Foram padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Ester de Oliveira e o sr. Antonio de Oliveira e por parte do noivo, sua mãe e o sr. Dr. Jaime Neves.

Terminada a cerimonia foi servido na elegante residencia dos padrinhos da noiva, na Arrabida, um finissimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande numero de artisticas e valiosas prendas, seguiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora de Fatima, o casamento da sr.ª D. Maria Alice Pinto, interessante filha da sr.ª D. Deolinda da Conceição Pinto e do sr. Antonio Leal Pinto Machado, com o sr. Dr. Luiz Marcelo Brazão, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Navarro Brazão, e do capitão sr. Manuel Brazão, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Erminia da Conceição Inacio e D. Maria Emilia Moreira e de padrinhos os srs. José Flores Barata e José Moreira.

Serviram de «damas de honor» as sr.as D. Maria de Lourdes Esteves e D. Gracinda Esteves e de caudatarios a menina Ana Maria Reis Moreira e o menino Sergio Graça Andringa.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia dos pais do noivo, um finissimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, partiram para Baião, onde foram fixar residencia.

— Para seu filho Mário, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Ambrozina Alice Gonçalves Miguens, espôsa do sr. José Augusto da Costa Miguens, a sr.ª D. Maria Alberta Pereira de Morais, interessante filha da sr.ª D. Sofia Alves dos Santos Pereira de Morais, e do saudoso arquitecto sr. Álvaro de Oliveira.

— Em Coimbra, celebrou-se na igreja de S. José de Calhabé, o casamento da sr.ª D. Maria Lúcia do Amaral Quirino, gentil filha da sr.ª D. Maria da Glória Amaral Cabral Quirino, e do sr. João Quirino Saraiva Pacheco, com o sr. dr. José Henriques Ferreira de Araújo, filho da sr.ª D. Albertina de Araújo Ferreira e do sr. António Ferreira Soeiro.

Foram madrinhas a mãe e a tia da noiva sr.ª D. Maria Cândida Quirino Pacheco e padrinhos os pais dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

— Presidido pelo prior da freguezia do Santo Condestável reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução acolitado pelo prior de Benfica, reverendo Francisco Xavier da Silva, celebrou-se com a maior intimidade na capela de São Domingos de Benfica, o casamento da sr.ª D. Gabriela Guedes Infante da Costa, interessante filha da sr.ª D. Berta Guedes Infante da Costa e do major da Administração Militar sr. Virgílio Pereira da Costa, com o sr. José Murteira Gonçalves, filho da sr.ª D. Ilda Murteira Gonçalves e do sr. Júlio Gonçalves, inspector da Alfândega de Lisboa.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o avô paterno do noivo sr. José Joaquim Gonçalves.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finissimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas seguiram para sua casa em Benfica, onde fixam residência.

— Na paroquial de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Elsa Maria Macedo Pinto Gomes Mota, gentil filha da sr.ª D. Ilda Macedo Pinto Gomes Mota e do distinto advogado sr. dr. José Gomes Mota, com o distinto engenheiro sr. Mário da Fonseca Gonçalves Porto, filho da sr.ª D. Rosa Branco Camacho da Fonseca Gonçalves Porto, e do distinto engenheiro sr. Mário Gonçalves Porto.

Serviram de madrinhas a avó da noiva sr.ª D. Ana Macedo Pinto e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

A sr.ª D. Gabriela Guedes Infante da Costa e o sr. José Murteira Gonçalves, por ocasião do seu casamento celebrado na capela de São Domingos de Benfica

(Foto Alvaro Campeão)

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, esposa do sr. dr Mário Tavares de Carvalho. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Em Cascais, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Daun e Lorena, esposa do sr. Manuel Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal). Mãe e filho estão de perfeita saude.

— A sr.ª D. Maria José de Albergaria Soares, esposa do sr. Rodrigo Eugénio Baptista Soares, teve, no Porto o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso na Casa de Saude de Benfica, a sr.ª D. Maria Alice Cunhal Patrício Gonçalves Ferreira, espôsa do sr. dr. António Manuel Gonçalves Ferreira, delegado do Instituto Nacional do Trabalho, no distrito de Evora. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Celebrou-se na paroquial da Pena, o baptisado do menino Luiz Augusto, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Heloisa Bobela da Mota Macieira e do distinto cirurgião sr. dr. Luiz Querriol Macieira.

Foi madrinha a sr.ª D. Maria da Soledade Mazoni Macieira e padrinho o sr. dr. Jorge Bobela da Mota.

D. NUNO

A QUINZENA DESPORTIVA

O algarvio Ildefonso Rodrigues, foi o melhor corredor ciclista na totalidade da época finda

O lugar de predominância que o futebol ocupa na actividade portuguesa durante dois terços do ano, não é pertença da mesma modalidade em todos os países do estrangeiro, embora assim suceda em quási tôda a Europa e na América do Sul.

Nos Estados Unidos, sobretudo na costa oriental, o jôgo que conquista o entusiasmo popular é o base-ball, verdadeiro desporto nacional americano que durante semanas consecutivas ofusca todos os outros, o que é tanto mais curioso quanto é certo que em nenhuma outra nacionalidade conseguiu desenvolver-se de maneira a merecer atenção da crítica.

O base-ball foi certamente inspirado pelo «cricket» inglês, mas exige dos seus praticantes maiores qualidades atléticas; supomos que os nossos leitores conhecem de modo geral a mecânica dêste jôgo pelo que nos despensamos de descripções que nada vêm a propósito do objectivo dêstes comentários, com os quais pretendemos apenas dar uma ideia da importância das principais competições americanas e da estonteante soma de dinheiro que gira por seu intermédio.

A prova de maior espectativa é o campeonato nacional, disputado no melhor de sete encontros (o grupo que primeiro conseguir quatro vitórias é campeão) entre os primeiros classificados dos torneios promovidos pela Liga Nacional e pela Liga Americana.

Os jogos finais começam em princípio de Outubro e seguem-se de semana para semana alternadamente nas cidades a que pertencem os contendores, que são êste ano Nova York e Cincinnati.

O número de espectadores presentes a cada uma destas partidas ascende, em média a oitenta ou noventa mil pessoas e a receita dêsses espectáculos excede muitas vezes um milhão de dólares, vinte e cinco mil contos na nossa moeda! Desta verba é extraído para cada jogador um prémio que oscila entre três e cinco mil dólares, adicionável aos salários anuais, já de si consideráveis.

Nos dias dos jogos ninguém conversa sôbre outro assunto, e durante a sua realização todos os aparelhos de rádio dos táxis, cafés, estabelecimentos comercias, etc., transmitem a numeroso auditório as peripécias da partida que não puderam presenciar.

Nas montras dos grandes armazens são afixados a intervalos regulares boletins contendo a pontuação da partida, e em sua volta fervilham as apreciações, os gritos de entusiasmo, as apostas entre os apaixonados.

Êste frenesi, que ultrapassa largamente as habituais manifestações dos povos meridionais, considerados pela tradição de temperamento exuberante, repete-se em cada dia de nova partida até decisão do campeonato.

Quem poderá contestar que o desporto é paixão de todas as raças, que em todo o mundo representa poderosa fôrça animadora?

★

Terminou a primeira volta do campeonato de Lisboa de futebol, deixando igualados no número de pontos os dois mais populares clubes da capital, o Sporting e o Bemfica, rivais de todos os tempos.

Nada haveria a dizer sôbre a forma como decorreu a prova, se precisamente no encontro disputado entre essas duas equipas não tivesse surgido um daqueles incidentes de arbitragem que ficam assinalados como facto histórico, a exemplo daquele outro que, meses atraz, custou ao Benfica, no Pôrto, a vitória no campeonato nacional.

O assunto, conhecido de tôda a gente, consistiu na anulação dum ponto legítimo alcançado pelo avançado centro sportinguista, validado pelo árbitro, aceite sem protestos pelos adversários, em virtude da intervenção abusiva dum fiscal de linha assinalando deslocação.

Dizemos que a jogada fôra lícita, porque assim a vimos, a viram também numerosas pessoas independentes e sabedoras das leis de jôgo, e ainda porque o afirmaram todos os jornalistas competentes que assistiram à partida, sem a mínima discordância na evocação do acontecido. Assim se manifestaram dois seleccionadores nacionais e antigos árbitros, Cândido de Oliveira em «O Século», Tavares da Silva no «Diário de Lisboa», e ainda o Dr. Ayala Boto ao microfone da Emissora Nacional.

O ponto de vista que nos parece digno de reparo, relaciona-se com as conseqüências possíveis, e agora postas a claro, do sistema de arbitragens instituído não sabemos a que título pela Associação de Lisboa para as suas provas, e no qual os fiscais de linha têm direitos iguais aos do verdadeiro juiz para intervirem na partida.

Recortemos do excelente artigo de Tavares da Silva dois parágrafos que definem primorosamente a situação:

«Já no ano passado disse o que tinha a dizer sôbre êste sistema de arbitragem implantado no Colégio ou Corporação de Lisboa, que tãos maus frutos tem dado. Por êle, os desafios deixaram de ser arbitrados, pràticamente, por um só homem, confiada como está a sua direcção a três pessoas, o árbitro e os juízes de linha (árbitros como o árbitro e da mesma categoria). De forma que o juiz de campo passou a responder pelos erros próprios e pelos dos seus auxiliares e iguais. Antigamente, nos bons tempos, era apenas uma pessoa a errar, e já era mau. Agora são três a errar.

No meu tempo não era assim. Um juiz de linha só intervinha na direcção da partida, quando a sua opinião era solicitada, e essa opinião só era exigida em caso de dúvida. Agora, não. O juiz de linha, pelo malfadado sistema, sobrepõe-se ao juiz de campo».

Esta é a verdade «digna de ásperas censuras». Se, no caso em questão, o próprio árbitro houvesse interrompido a jogada por um êrro de apreciação, seria susceptível de crítica mas aceitável sem outras apreciações, porque só não se engana quem nunca foi chamado a julgar; mas que outro indivíduo, no desempenho de funções secundárias, se sobreponha ao seu critério, não nos parece em acôrdo com os preceitos regulamentares do futebol e, mais ainda, com a lei fundamental de todos os jogos desportivos.

João Lourenço, o ciclista português que se notabilizara em Marrocos, venceu com extraordinário êxito a última prova da época, pondo em evidência uma classe que a infelicidade não deixou ainda exteriorizar

★

Terminou oficialmente no fim de Outubro a temporada de prática do ciclismo em estrada, a qual principiou em meados de Março anterior, mantendo durante sete meses, com altas e baixas de interêsse, actividade bastante para prender as maiores atenções do público desportivo.

As corridas em bicicleta conquistaram entre nós, como nos outros países onde são cultivadas, um lugar de preferência na simpatia popular, que se justifica em absoluto pela espectaculosidade e pitoresco das suas competições, pela diversidade de aspectos que revestem os seus itinerários e, sobretudo, porque os seus participantes percorrem em luta regiões onde podem ser livremente vistos, ao contrário do que sucede com todos os outros desportos que obrigam quem queira presenciá-los a deslocar-se para determinado recinto e a pagar quási sempre o direito de presença.

Sob o ponto de vista não menos importante da propaganda desportiva, merece também o ciclismo consideração especial, motivo porque o seu desenvolvimento e progresso são factores de interesse geral requerendo análise cuidada.

Em relação à época finda, não será razoável afirmar que a modalidade tenha avançado sensivelmente, tanto no sentido da classe desportiva, como no sentido da expansão, mas, tal como ela se passou, deixa no espírito impressão agradável, fundamentada no entusiasmo e valor dalgumas provas e na intensificação, para não dizer ressurgimento, da actividade internacional dos nossos ciclistas.

Alguns anos passaram sobre a data em que os nossos cinco melhores estradistas de então foram à Galiza receber o batismo internacional em luta contra todos os espanhois de nomeada; depois dêsse acontecimento vieram até nós alguns franceses de boa classe na categoria de amadores, Laurent, Cosson e Parizet em 1936; Dassé, Chazaud e Gillard em 1938, mas nunca mais os portugueses haviam transposto a fronteira, como êste ano voltou a suceder por ocasião do circuito de Montjuich, em Barcelona, e posteriormente da corrida por étapas de Madrid a Lisboa.

Se adicionarmos a estes dois factos a participação de franceses e espanhois na Volta a Portugal, teremos assinalado os três pontos capitais da época, aquêles que na verdade ficarão como saldo positivo no balanço final para os anais do ciclismo. Tudo o resto foi, pouco mais ou menos, o mesmo de sempre.

A exemplo do que temos feito em anos transactos vamos apreciar em conjunto a temporada dos independentes, categoria que reúne os elementos de classe averiguada e à qual são reservadas as grandes provas do calendário.

Tiveram êstes corredores durante a época 17 provas, duas delas coincidindo na mesma jornada, para entreter a sua forma, não figurando na conta o campeonato nacional que, por ser disputado no Pôrto, decorreu com total abstenção dos corredores lisboetas.

As vitórias neste conjunto de manifestações dividiram-se: sete para o Sporting, seis para o Unidos, duas para o Belenenses e as duas restantes para competidores estrangeiros; individualmente, Ildefonso Rodrigues triunfou seis vezes, Eduardo Lopes e Joaquim de Sousa, duas vezes cada, Joaquim Fernandes na Volta, Cabrita Mealha, Noé de Almeida, Joaquim Manique e João Lourenço, cada qual em sua prova.

Procurando estabelecer por meio de pontuação (de 10 a 1 ponto por ordem decrescente aos dez primeiros de cada corrida e duplicando os pontos para a Volta pela sua excécional importância), a lista dos melhores homens no conjunto da temporada, obtemos o resultado seguinte, onde figura indicado entre parênteses o lugar que o corredor ocupava em idêntica classificação no ano de 1938:

1.º Ildefonso Rodrigues (7.º), 92 pontos; 2.º Joaquim Manique (3.º), 62 pontos; 3.º Túlio Pereira (8.º), 59 pontos; 4.º José Albuquerque (12.º), 57 pontos; 5.º António Bartolomeu, 57 pontos; 6.º Eduardo Lopes (10.º), 56 pontos; 7.º Aguiar Martins (5.º), 56 pontos; 8.º Joaquim Fernandes (2.º), 53 pontos; 9.º Aguiar da Cunha (16.º), 42 pontos; 10.º Noé de Almeida (14.º), 36 pontos; 11.º Cabrita Mealha (19.º), 33 pontos; 12.º Simões Alvito (11.º), 33 pontos; 13.º Alfredo Trindade (6.º), 31 pontos; 14.º José Marquez (18.º), 29 pontos; 15.º Francisco Duarte, 28 pontos.

O melhor homem da época antecedente fôra Felipe de Melo, que êste ano não tomou parte em competições; conseguira 98 pontos em 10 provas, «record» dificílimo de egualar e do qual Ildefonso, apezar do brilhantismo na segunda metade da sua época, fica ainda distante com os 92 pontos em 11 corridas diferentes.

Lançando depois rápida inspecção sôbre a actividade dos amadores, verificamos não haver existido uma figura dominante, como na categoria dos independentes, antes uma nivelada rivalidade entre dois homens de boa classe, Alberto Raposo com 92 pontos em 12 provas, e Francisco Inácio com 91 pontos em 11 provas.

Registemos ainda, para terminar êste breve estudo, os interessantes esforços de organização de corridas, reservados aos principiantes, cuja categoria é designada de Populares; as numerosas provas postas em disputa para êles, revestindo-se de enorme importância no sentido da propaganda da modalidade e captação de novos adeptos, animaram o programa ciclista, merecendo entre todos, menção de realce o Grande Prémio Olympique que interessou o país inteiro e reuniu muitas centenas de rapazes em 125 eliminatórias concelhias, 17 meias-finais nas sédes de distrito e a grande final em Lisboa, num circuito em torno do Campo 28 de Maio.

SALAZAR CARREIRA.

O inverno chegou êste ano muito cedo, e nos altos da Serra da Estrêla a neve fez já, para gaudio dos numerosos apaixonados do desporto do esqui, a sua aparição

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

2.º ALMÔÇO DE «A CHARADA»

Com a presença de 63 convivas, na sua quási totalidade charadistas, realizou-se no dia 23 do mês transacto o 2.º almôço de confraternização dos filiados na L. A. C., de que damos, noutro lugar um interessante aspecto.

A importância dêste acontecimento, no meio charadístico, é desnecessário encarecê-la. Trata-se duma das maiores, se não a maior, reünião dos aficionados da Arte de Edipo, em todos os tempos. E as afirmações que nela se fizeram, bem como o ambiente agradabilíssimo e cordeal em que decorreu, são testemunho irrefutável e convincente do esplendor que na hora presente disfruta a referida associação.

Aproveitando o ensejo, os «lacistas» resolveram prestar uma justa homenagem ao seu director, «Mirones», oferecendo-lhe uma rica e interessante pasta contendo diversos cartões, com eloqüentes dedicatórias, que comoveram pela sua sinceridade o homenageado; e por subscrição foi adquirida também, uma artística taça de prata — taça «Mirones» — que se vê na fotografia, que será disputada entre os colaboradores de «A Charada». É a mais valiosa taça que até hoje tem sido disputada em Portugal, no meio Edipista. Aproveitamos a oportunidade para mais uma vez, felicitar os dirigentes daquela associação que se dignifica pelo seu trabalho em prol do charadismo.

IMPRENSA

Temos continuado a receber o jornal «O Correio dos Açores» onde se está desenvolvendo uma simpática secção charadística sob a direcção dos distintos e apreciados confrades «Catos» e «Alma Negra» aos quais endereçamos as mais cordiais felicitações e desejos de prosperidades no desempenho da sua missão.

RESULTADOS DO N.º 41

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 6)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Castela, Nuninho, Siulno, Ti-Beado, Mirna, Sol de Inverno, Dama Negra, Sevla, Francisco J. Courelas, Ramou Lácrimas e Tarata

QUADRO DE MÉRITO

Dr. Sicascar, Doris I, Agasio, J. Tavares, Calaveras, Anjo das Serras e Visconde X — 5. Alda, Oliva, Aristofanes, Diriso, D. O. X., Aureolinda e Tiroliro — 4. Cigano e Neptuno — 3

DECIFRAÇÕES

1 — Tarugo. 2 — Diário. 3 — Universo. 4 — Marmita. 5 — Mochico. 6 — O Nada fazê-lo em casa.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Quando vejo um maricão
A mariscar sem pudor,
E' maricas 'té mais não,
E' maricas *sem valor*. — 6-3-4-1

Quando vejo um molangueiro
Que ao trabalho não se ageita,
E' dar-lhe com um vergueiro
Porque nada se *aproveita*. — 2-1-6 7

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 50

Se vejo um rico avarento
Lamentar a sua sorte,
Não tenho dó. Seu lamento
E'... pensar no cofre *forte*. — 4-5 2-1

Nenhum dos três figurantes
Tem a minha simpatia;
Pois não são uns traficantes
Que causam *antipatia*?...

Leiria — *Magnate*

ADITIVAS (Antigas)

2) Era levado da breca,
Gracioso, sorridente,
Com a sua camoeca
De copinhos de *aguardente*.. — 2

Faz *pena* ver estirado — 1
Para sempre êsse borracho.
Morreu em vinho abafado,
Carregado como um cacho.

Do meu bairro era a alegria
Êsse beberrão de fama.
Gozava de simpatia
Nas ruas tôdas de Alfama.

Depois de *morto*, o povinho,
Em louvor ao beberrão,
Regou-lhe à farta com vinho
As tábuas do seu caixão!...

Lisboa — *Rei-Fera (póstumo)*

3) *Aumenta* a pouco e pouco êste pezar! — 3
Um sofrimento após um sofrimento!
Foi loucura esta ideia de adorar
alguem que só conhece o fingimento!

Pudesse a gente, assim, adivinhar,
que se evitava então muito tormento!
Não enganava já o brilho de um olhar,
o aspecto falaz de um sentimento!

Mas não sucede assim, e a *Tristeza* — 1
vem sempre macular a nossa Vida
— Nuvem fatal no céu do desgraçado! —

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Alda, Dama Negra, Marcolim, Mirna, Dr. Sicascar, Tarata e Ti-Beado

Chora-se então, nessa cruel certeza,
o sonho, a ilusão p'ra já perdida,
— que o chorar deixa o peito *aliviado*!

Lisboa — *Lérias*

4) Para ser homem *ágil*, — 3
Com talento e compostura,
Não deverá ser frágil
P'ra fazer boa *figura*. — 1

Uma prova lhes vou dar,
Inda que mal comparada:
— Uma bêsta a coucear
Pode ser boa montada?

Deve haver agilidade,
Mostrar o valor que tem,
Faltando essa habilidade
Nunca pode *cavalgar bem*.

Leiria — *Magnate*

5) Por entre alas de gente cubiçosa,
com seu passo lento vai caminhando
Jesus que, ao mundo vai ensinando
a palavra santa, miraculosa.

Aproximando se sem desatinos
à voz de feitos maravilhosos,
ali surgem não menos cubiçosos
de ver quem passa, os pequeninos.

E a multidão em *falta*, aconchegando, — 2
os anjos sem *pena* vão afastando. — 1
Jesus vendo o *êrro* feito, e os anjos seus

Assim engeitados, diz aos libertinos:
Deixai vir a mim os pequeninos,
porque dêles é o reino dos céus!

Nova Gaia — *Sergipe*

ENIGMA

6) Só com quatro letras
Que consoantes são,
Dou a *explicação*
De doutrina social
Ou religiosa,
Duma qualquer nação.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

7) A *teimosia* será um *defeito*? — 3 2.

Algés — *Marcolim*

ADITIVAS (Novíssimas)

8) Está *confirmado* que neste *lugar* há *ardil*. — 2-2.

Luanda — *Mr. Le Bossat*

9) Tenho na *algibeira* uma *doença* que não cessa de me *afligir*. — 2-1.

Lisboa — *Alguém*

10 Chego ao *fim* da vida *gasto* de tão *agitado* de viver. — 2-3.

Lisboa — *Morenita*

11) A *primeira das horas canónicas* é a *verdadeira* hora do *ano*. — 2-2.

Lisboa — *Aço*

12) *Francamente, até* mereces uma *bofetada*. — 2-1.

Lisboa — *Alvarinho*

13) Na aula dizia o professor: Bato com o *cacete* a todos, *excepto* aquele que apresentar *motivo* de não apanhar. — 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar*

REVERSIVAS (Eléctricas)

Tenho grande *afeição* a esta «*cidade*» — 2.

Lisboa — *Mirna*

Que *aroma* tão agradável emite êste *pacote*! — 2.

Vila de Rei — *Diriso*

Eis uma *aliança breve* — 2.

Lisboa — *Agasio*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

Matos Sequeira

HÁ tantos anos que conhecemos Matos Sequeira, sempre o encontramos atarefado com a investigação do passado desta linda cidade de Lisboa, quer antes, quer depois do terremoto de 1755.

Entretanto, os outros escritores dedicavam-se a outros géneros de literatura, preferindo dar largas à sua fantasia, e rédea solta à sua imaginação — quando a tinham — que queimar as pestanas durante horas, dias e anos, na consulta monótona e trabalhosa de velhos arquivos poeirentos.

Se era necessário focar um tipo de qualquer século remoto, arranjar-lhe indumentária própria, e pô-lo a falar o português arrevesado dessa época, salvava-se a dificuldade preguntando ao Matos Sequeira, que era fonte limpa.

Onde tudo isso vai já!...

Hoje, em dia, todos são Matos Sequeiras, salvo seja!

Tôda a gente, a bem dizer, se dedica a rabiscar coisas sôbre a malparada Lisboa de outras eras, sendo já difícil enumerar as obras que, num curto prazo de meses, atulham as montras das livrarias lisboetas.

Ainda mal refeitos do nosso assombro ante essa epidemia olissipofílica, aliás benigna, ouvimos dizer que caíu, mais uma vez, o Carmo e a Trindade.

E, no fim de contas, o boato tinha o seu fundamento. Trata-se de um novo trabalho de Matos Sequeira, intitulado *O Carmo e a Trindade*, no qual o ilustre escritor ergue ante os nossos olhos profanos, êsses dois curiosos pontos de Lisboa, tais quais eram antes dos vários abalos, tanto sísmicos como camarários.

Magnífica obra, traçada em moldes originalíssimos, que prende a atenção até aos mais refractários a estas coisas passadas. E era natural que assim fôsse, visto ser da autoria de Matos Sequeira que sempre pontificou nestes assuntos.

E, assim, lá temos outra vez de pé o Carmo e a Trindade, tais como foram noutras eras sem deixarem de ser o que são actualmante. Eis o que o novo livro de Matos Sequeira nos mostra com tôda a clareza e minúcia.

G. M.

O Chefe do Estado presidindo à sessão inaugural do novo ano lectivo da Escola do Exército.—*Em baixo:* O enfermeiro-mor dos hospitais, visitando a exposição de crisântemos no Hospital de S. José

Almas de Ferro e Ouro é o título de um livro do sr. Mário Peixoto Bastos, evocando em «sete pedacitos de prosa», como êle modestamente diz, algumas das mais belas figuras da nossa História. Empregando uma linguagem cuidada e elegante, o novo escritor manifesta também o escrúpulo documental que se torna indispensável em trabalhos desta natureza

O P.e César Augusto Garcia, inspirando-se nas mais belas passagens do Evangelho, publicou um livro de versos que intitulou *O Divino Fundador*. Desta maneira, o poeta sacerdote quis contribuir também para a comemoração do Duplo Centenário com as mais viçosas flores da sua inspiração, e com o seu fervoroso e ardente zêlo pela Fé cristã

Há quem suponha que para que uma menina seja séria e digna de todo o respeito deve ser tristonha e macambúzia, e, nada há de mais errado.

A alegria é natural na juventude e não se compreende mesmo uma rapariga que não seja alegre, e, eu vou mesmo mais longe, nada há de mais desconsolador do que uma mulher triste.

A tristeza é das coisas mais feias que existem na terra e se há ocasiões em que ela sob a forma tão variada de desgôstos, nos esmaga, devemos sempre reagir e acabar por esmagar, nós essa serpente que se nos enrosca no coração.

A rapariga mais alegre pode ser seríssima debaixo do ponto de vista do seu porte, irrepreensível em todos os seus actos e no entanto espalhar à sua volta essa irradiação de vida, que é a alegria e que em geral é sintoma duma alma pura e sincera em tôdas as suas manifestações.

Nem todos podem ter uma alegria espontânea, destas que faz daqumas pessôas o sol da casa e que as ajuda nas maiores tristezas da vida a suportar com o sorriso nos lábios desgostos, que fariam verter torrentes de lágrimas a outros.

Essas pessôas são as que são alegres de nascença, por constituição física e moral e que na vida triunfam muitas vezes, devido ao seu bom humor.

Mas o que todos podemos e devemos fazer é evitar o ser tristes, combatendo com energia essa tendência se a descortinamos em nós.

Há raparigas que são melancólicas e estragam a vida, fazendo o possível para vêr tudo negro, porque acham que a tristeza lhes vai bem e lhes dá êsse ar de mulher fatal de algumas "camps" que deslumbram a sua ingenuidade.

E apenas conseguem ter um ar enjuativo, que as torna aborrecidas em tôda a parte onde mostram o seu desconsolado rosto.

Hoje mais do que nunca é necessária a alegria à juventude. Quanto mais negras são as nôvens que escurecem o céu da humanidade, quanto mais difícil é a época em que se vive, mais precisa a juventude de ter alegria para neutralizar o negrume do ambiente.

Há males que não podemos vencer; é pois necessário aceitá-los com energia e coragem e, enquanto é possível, não perder a alegria.

E muito triste ver sofrer os outros e pensar que há países esmagados pelos horrores da guerra, países onde todos os dias morrem homens na flôr da juventude, e em que tudo é sofrimento; por êsses elevemos a Deus uma fervorosa prece.

Mas devemos saber apreciar o bem que gozamos e não perder êsse bem que é a alegria. Em muitas cartas me dizem: "quando penso que há guerra não tenho um minuto de alegria, penso que se o conflito se alastra teremos que entrar e só tenho vontade de chorar".

Que grande êrro. Nós não podemos adivinhar o futuro, nem evitar que êle seja o que tem de ser. E' linda a caridade, que nos faz sentir os males alheios, mas por êles não devemos enegrecer as horas que nos restam de sossêgo e perder a alegria, escurecendo tudo à nossa volta.

O saber viver consiste em fortalecer a nossa alma, para que possamos suportar todos os males que tivermos que sofrer. A nunca foi com tristeza, que se fortaleceram almas; a tristeza dissolve a energia, que a alegria robustece.

Os grandes santos e os grandes heróis foram sempre alegres, porque a sua confiança em Deus lhes permitia suportar tudo com satisfação.

Imitemo-los nesta hora de sacrifício, que é sempre aquela em que se desenrola uma guerra, e, muito mais nesta época em que os males duns, são males de todos.

Mas por isso mesmo deixemos as raparigas ser alegres, a juventude espalhar à sua volta essa irradiação de vida que é uma alegria, equilibrada e bem compreendida. Uma gargalhada saudável saída duma boca fresca, alegra a alma de quem a ouve e é preciso que os nôvos sejam alegres, hoje mais do que nunca para neutralizar a tristeza do ambiente que as rodeia.

O futuro será o que tiver de ser e a tristeza de hoje, não diminuirá o mal se êle tiver de vir, nem evitará as suas perniciosas conseqüências.

Esperemos serenamente, sem perder a alegria e sobretudo não escangalhemos a vida dos nôvos, que têm direito a viver, escurecendo com tristeza o ambiente em que respiram.

Hoje mais do que nunca a rapariga e a mulher têm de ser alegres, para dentro da atmosfera familiar combater êsse nevoeiro de tristeza, que de fora vem, e, tenta escurecer tudo, com os cuidados em que se envolve.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

MUITAS das nossas leitoras que estão para casar pedem-nos, que as ajudemos na difícil tarefa de escolher o enxoval, e preparar «toilettes» para essa grande mudança da sua vida.

Hoje a senhora, casada nova; veste quási da mesma maneira que a rapariga solteira, e, não há diferença quási na sua apresentação; antigamente não era assim e a menina que casava, no dia seguinte ao seu casamento passava a vestir duma maneira completamente diferente.

Isso tornava mais difícil a escolha dos vestidos, porque em geral tinha de abandonar o seu género e não podia usar nenhum dos vestidos que até ali usára.

Agora a noiva pode aproveitar ainda os bons vestidos que tiver e veste-se quási como se vestia.

Também já se não usam os grandes enxovais com duzias e duzias de tudo, que acabavam fechados numa mala e inutilizados.

A moda na «lingerie», varia hoje tanto, como nos vestidos e basta uma dúzia de «parures» «chics» e uma dúzia delas mais simples para ter o enxoval completo. Para as «parures» apuradas deve usar-se a seda e rendas finas, para as outras a malha de seda e os «nanzouks» bordados e guarnecidos a renda leve.

As combinações devem ser em «crêpe de chine» e setim, que ajudam os vestidos a cair bem. As cintas devem ser cuidadosamente escolhidas e mandadas fazer por medida. Uma «gaine» é indispensável para que a «toilette», de noiva caia irrepreensivelmente; essa «gaine» deve ser em setim branco. Para o uso quotidiano uma cinta mais pequena e fácil de usar que pode ser em cotim adamascado não querendo fazer muita despeza.

As meias de seda para as «toilletes» de cerimónia e as de fio de linho que se estão usando para os vestidos «tailleurs» devem ter uma côr que se harmonise com os vestidos.

Os sapatos serão mandados fazer nas côres dos vestidos, porque é muito mais «chic». Damos hoje alguns modêlos próprios para enxoval de noiva.

Começaremos pelo vestido de noiva, que é o que mais interessa. Não ha menina que não deseje parecer linda nesse dia em que vê coroados os seus sonhos. O modêlo é em setim branco, o clássico setim que é o mais próprio tecido para êstes vestidos. A saia é cortada em «godets» muito justa nas ancas e muito ampla para baixo, as mangas são compridas e a parte de cima do corpete que é completamente liso, é tôda bordada a perolas sôbre uma renda grossa.

A cauda muito longa é em forma de manto e sai dos hombros, o que dá uma grande elegância á silhueta, uma corôa em botões de laranjeira segura o véu que está colocado duma maneira muito original e acompanha a cauda.

Para «toilette» de rua casaco em pano grosso azul escuro, guarnecido a pele preta; a pele forma um «empiécement» e mangas, chapeu em feltro azul escuro, com a aba em pele e atrás uma guarnição da mesma pele. Luvas e sapatos em camurça azul escura.

Para jantar uma encantadora «toilette» em seda «rayonne» vermelha e renda da mesma côr. A saia muito justa nas ancas abre em «godets» e a parte de baixo é tôda em renda, assim como o corpete todo em renda, género jaqueta, uma grande «chou» em vários tons que vão do rosa ao vermelho, guarnece a cintura.

Não podemos esquecer, quando se trata de uma noiva, do vestido de interior que usará para de manhã na sua casa.

Agora que vamos para o inverno e estamos tratando dum enxoval modesto, aconselhamos êste lindo modêlo em «camurcine» de lã em dois tons côr de «fuchsia».

A parte da frente no tom mais claro cruza no corpete e por baixo do cinto reaparece num pano de frente da saia, todo franzido. As mangas largas como têm em geral estes vestidos, tem uma larga volta no tom mais claro.

E em poucas palavras, têm as noivas umas ligeiras indicações para fazerem os seus enxovais, que ainda que não sejam á risca lhes servirá de base para se orientarem nessa difícil escolha. As côres devem ser escolhidas conforme o tipo de cada senhora.

A EDUCAÇÃO

HÁ sempre quem apresente teorias para educar crianças, o que nunca tinha visto, era a teoria para as desnudar. Encontrei-a há dias numa interessante publicação.

Doze mandamentos que devem dar o melhor resultado.

1.º — Começar por lhe dar tudo o que desejam.
2.º — Elogiá-las na presença.
3.º — Dizer diante delas que são incorrigíveis.
4.º — Mostrar-lhes que o pai e a mãi não estão de acôrdo por causa delas.
5.º — Fazer-lhes ver que o pai não fez bem em contentá-las.
6.º — O pai ralhar á mãi na sua presença.
7.º — Descuidar-se de saber que amigas freqüentam.
8.º — Deixá-las dizer o que muito bem lhes apetece.
9.º — Dar lhes dinheiro e não conselhos.
10. — Não as vigiar nas horas de recreio.
11.º — Castigá-las por uma ninharia e rir dos seus defeitos.
12.º — Defendê-las se os professores as castigam.

Que os pais façam um exame de consciência e vejam se nada as acusa de terem contribuido, para a má educação dos filhos, incorrendo nestes mandamentos da má educação.

É grande responsabilidade ter filhos e não os educar e há pouco quem pense nisso a sério.

O SOSSEGO DAS DONAS DE CASA

UMA das maiores preocupações das donas de casa é a alimentação da família e a combinação de petiscos, que abra o apetite aqueles que debaixo da sua jurisdição, têm a sua saúde dependente dos seus cuidados e da organização das suas ementas.

Uma revista científica anunciou que o futuro trará ás donas de casa grande sossêgo.

Acabar-se-hão mercearias e mercados, as casas deixarão de ter cozinha, porque aos laboratórios químicos estará reservado, o alimentar os vindouros, e ás farmácias o fornecer os alimentos remédios.

Os homens alimentam-se de gorduras, hidratos de carbono (açúcares, amidos, féculas) e albuminoides ou proteinas.

Julgou-se muito tempo que os seres vivos eram os únicos laboratórios de tais substâncias: plantas e animais eis as máquinas fornecedoras da alimentação humana.

Ora as coisas não se passam assim; nos laboratórios químicos, compõem gorduras e óleos; os hidratos de carbono obtêm-se pela acção dos raios ultra violetas sôbre misturas de dioxido de carbono, nitrato de potassa e água, e últimamente já se realizaram experiências que os organismos animais assimilam e transformam em proteinas ou albuminoides.

Esta conquista na qual se funda a esperança da futura alimentação química realizou-se assim: Os sábios dissolveram num líquido a proteina, fizeram atravessar a solução por vibrações (1.000 por segundo) e com alvoroço notaram que as moléculas albuminoides se desagregavam em rosários de moléculas amino-ácidas.

Os laboratórios fabricaram com resultado, moléculas amino-ácidas e imaginaram a maneira de as encadear em moléculas de proteinas.

Um professor da Universidade de Illinois, América do Norte, misturou gorduras, hidratos de carbono e amino-ácidos e alimentou com isto ratos. Os ratos morriam e êle experimentou outros amino-ácidos, que os ratos assimilaram e continuam a viver.

Estava descoberto o alimento sintético! E com êle se substituirá a nossa alimentação de couves, chouriços e presuntos, pão e arroz e todas as outras coisas que nos afagam o paladar.

As donas de casa terão sossêgo, mas desaparece do mundo, um dos seus prazeres, o de saborear com satisfação um bom petisco.

E como medida económica não se deve ganhar muito, tendo em vista o preço actual dos remédios e dos produtos químicos.

HIGIENE E BELEZA

COM os primeiros frios as peles delicadas resentem-se muito, principalmente a das senhoras que fizeram banhos de sol e que têm pele nova e delicada.

Com os necessários cuidados podem evitar êsse mal, basta ter o cuidado de à noite depois de limpar a cara da «maquillage», as peles sêcas com óleo de amendôas dôces, as gordurosas com água morna e sabonete, untar a cara com um bom créme de noite.

De manhã antes de fazer a «toilette» uma massagem com azeite puro virgem, e depois de ter lavado a cara, pôr um créme que deve ser cuidadosamente escolhido gorduroso ou não conforme a qualidade da pele, depois de muito bem introduzido na pele fazer a «maquillage».

Tendo sempre o cuidado de não expor o rosto ao frio sem ter protegido a pele com o créme. As senhoras que fazem desportos de inverno, devem usar pomada de tutano e vaselina misturadas, na ocasião em que expõem a cara ao frio, devem untar-se com esta mistura e assim conservarão a beleza da sua epiderme, sem que nada sofra com o frio.

DE MULHER PARA MULHER

Alda: Tem razão; deve tingir o casaco, e só é para louvar a sinceridade com que reconhece que não lhe ficam bem essas côres, mas deve tratar-se porque é um pêso excessivo para a sua idade, mesmo que seja alta. Em veludo preto deve ficar muito bem o chapéu que pensa fazer.

Grace: Muitas senhoras fazem hoje cursos e se sente essa disposição para o estudo e o pode fazer, aproveite-a. Admira-me a atitude de seus pais, pois actualmente quási todos que o podem fazer, dão a suas filhas qualidades de estudo que lhes permitam ganhar a sua vida mais tarde, se o precisarem. No entanto aconselho-a a que se não revolte e acate a opinião dos que dirigem a sua vida.

Marieta: Para os pequeninos faça os vestidos em «tricot» e uns casacos em lã dos Pirinéus, tudo em branco, que é o que melhor fica ás crianças. Acho que deve levar a pequenina a um médico; essas manifestações de pele, são em geral motivadas, por um mau funcionamento de intestinos.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 4
Copas — 6, 5, 4, 3
Ouros — — — —
Paus — A. 2

Espadas — 3
Copas — 9
Ouros — D.
Paus — D. 10, 4, 3

N
O E
S

Espadas — 2
Copas — 8
Ouros — R. V. 2
Paus — 6, 5

Espadas — — —
Copas — A. R. 2
Ouros — A. 5, 4, 3
Paus — — — —

Trunfo espadas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga V. *p.*, **N** — 8 *p.*
S » 4 *c.*, **N** — 3 *c.*
N » 6 *c.*, **S** balda-se a D. *o.*
N » A. *o.* Regulando **S** as suas baldas pelas de **E**, faz tôdas as vasas.

Que número?

(Solução)

É o número **120** do qual a terça parte é 40
a 4.ª é..... 30
a 5.ª é..... 24
Total.... 94

O «Poisson d'avril»

Conforme o seu nome indica, é de origem francesa e eis como nasceu:

Foi só no tempo de Carlos IX que o ano começou a contar-se desde 1 de Janeiro; antes, era em 1 de Abril. Muitas pessoas habituadas a enviar os seus cartões de boas festas neste dia, continuaram, ou por ignorância ou por divertimento, a fazê-lo da mesma maneira, passando depois francamente a levar o caso para a brincadeira, e a escrever histórias inverosímeis ou a dar notícias fantásticas.

E o costume pegou, de tal maneira, que já dura há quatro séculos.

Qual será ela?

(Problema)

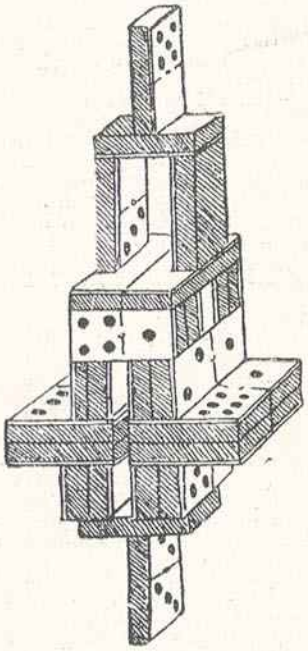
Qual é a unidade que, sendo multiplicada por 100, depois por 20 e finalmente por 5, dará, ao somarem-se os três resultados dessas multiplicações, um total de 1.000?

Equilíbrio de dominós

(Passatempo)

Um jôgo de dominó pode servir para curiosos passatempos. O mais vulgar e o primeiro que lembra, é formar com as pedras do jôgo, na sua totalidade, um castelo, mas o caso não é nada fácil.

Apresentamos aqui o modêlo de uma construção na qual se sustêm sôbre uma pedra só,



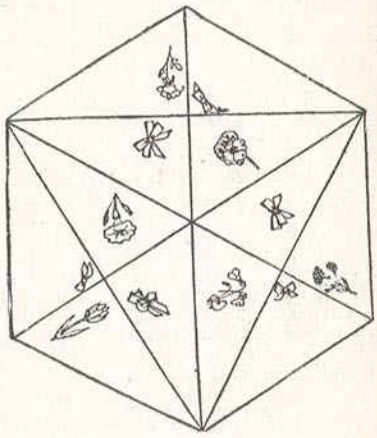
as vinte e sete restantes do jôgo. Para a efectuar, colocam-se três pedras de pé, e sôbre elas uma, em sentido horizontal, com o lado do marfim para cima. Em cada extremo desta, põem-se outras duas pedras unidas entre si pelo lado posterior. E assim se continua, pelo modo de que a figura dá ideia exactíssima. Quando o castelo já adquiriu a solidez suficiente, isto é, quando já estão colocadas tôdas as pedras, retiram-se com muito cuidado as duas laterais da base e põem-se como remate do edifício. Então fica só a do meio, a qual sustem tôdas as outras, como se tinha em vista.

E' preciso retirar as duas pedras citadas com o máximo cuidado, pois êsse é que é o momento culminante da construção. A mínima perturbação do equilíbrio derruba todo o edifício, com desapontamento do construtor e dos seus espectadores.

Mas quando o castelo chega a manter-se, embora por breves momentos, é grande a satisfação causada pelo triunfo. Experimentem.

Flores e fitas

(Solução)



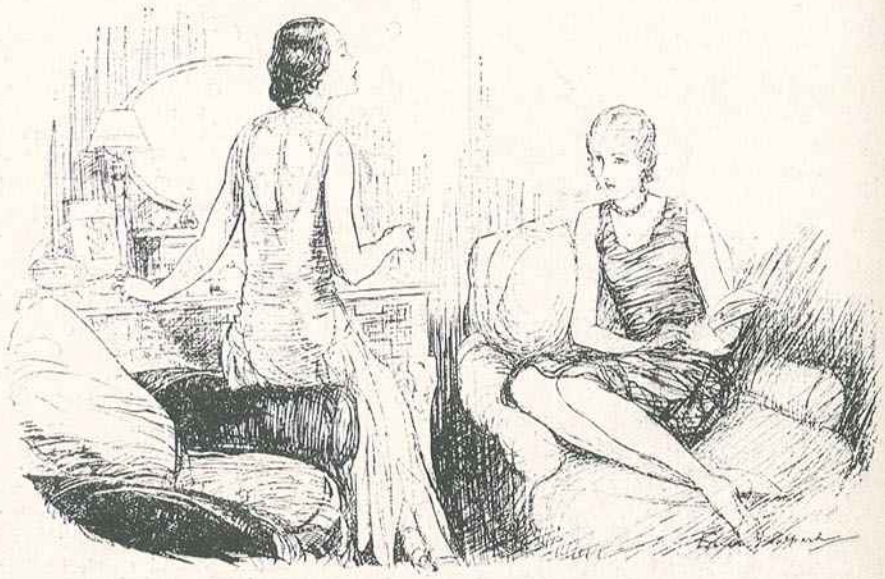
Aqui está a figura geométrica que se pedia, com uma flor ou um laço de fita em cada uma das suas doze divisões.

A idade dos irmãozinhos?

(Problema)

Lena têm 4.380 vezes a idade de Joãosinho, o qual têm o dôbro da idade de Joaninha. Possuem todos tres a mesma mãe que têm vinte vezes a idade de Lena.

Se tôdas as suas idades juntas somam apenas um pouco mais de vinte e um anos, quais serão as idades das três crianças?



— Então a Berta não esteve a censurar-me por eu me pintar?
— Deixa lá; se ela tivesse uma pele tão indecente como a tua, também se pintava.

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada	2$00
Album da Cartilha Maternal, enc.	90$00
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol.	2$00

A Cartilha Maternal de João de Deus é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

LIVROS DE INGLÊS

DO P.e JÚLIO ALBINO FERREIRA

Adoptados nos liceus e escolas comerciais e industriais

Gramática inglêsa	12$50
Selecta inglesa	15$00
Commercial e glish	18$00
Can you speak english?	15$00
Método de inglês	15$00
Dic.º inglês-português (grande)	60$50
Dic.º português-inglês (grande)	70$00
Dic.º inglês-português (escolar)	35$00
Dic.º português-inglês (escolar)	40$00
Os dois juntos num vol.	65$00

DO MESMO AUTOR:

Método de francês — 1.º e 2.º vol, cada....	6$00

Pedidos à **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa, que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de TODOS OS LIVROS DE ESTUDO: PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc

DICIONÁRIO DE AUTORIDADE INCONTESTAVEL E O MAIS BARATO DE TODOS

O mais moderno dos Dicionários da Língua Portuguesa para o ensino liceal

Aprovado defenitivamente por despacho de 18 de Outubro de 1938 («Diário do Govêrno» de 30 de Novembro de 1938)

Dicionário da Língua Portuguesa

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde,

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 7$50**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS • SEGREDOS • MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MATCH

O semanário mais completo de actualidades mundiais

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Esc. 2$60

Paris-Soir

O jornal de maior reportagem mundial

Muito bem redigido e ilustrado

70 centavos

Marie-Claire

A mais bela, a mais completa, a mais interessante revista semanal feminina

Esc. 3$00

Distribuidores gerais: **LIVRARIA BERTRAND,** Rua Garrett, 73 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

Almanaque Bertrand

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres, do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado **10$00.** Encadernado luxuosamente **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... .. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

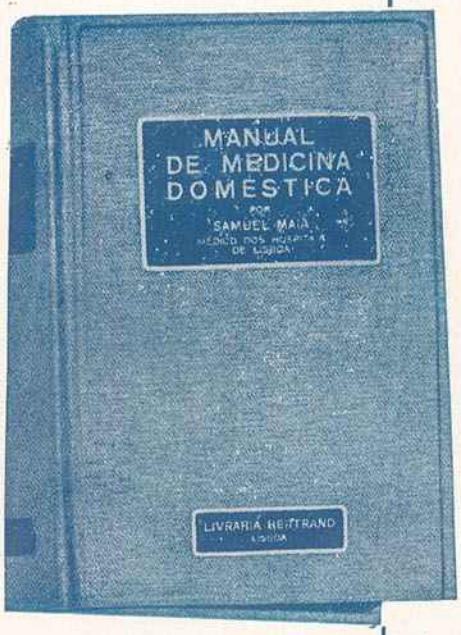
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqùenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos,** e estará concluida no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 9.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA